

APOLOGÉTICA NA CONVERSAÇÃO

Vincent Cheung

Copyright © 2004 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por [Reformation Ministries International](#)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
1. AFIRME O INEVITÁVEL	6
2. ATAQUE O INIMIGO	12
3. ARRANJE O CONFRONTO	29
4. ANUNCIE O RESULTADO	41
CONCLUSÃO	46

INTRODUÇÃO

Nosso assunto é apologética. Especificamente, eu tenho em mente a vindicação intelectual da cosmovisão bíblica e a destruição de todas as cosmovisões não-bíblicas no contexto de debates informais, tais como em conversações pessoais.

Debates formais são regulados por regras elaboradas, limitações de tempo, e cada um dos lados é chamado a defender ou refutar proposições anunciadas previamente. Esses fatores combinam para construir um ambiente mais “artificial” para as confrontações intelectuais. Para ganhar a vantagem em tal situação, a pessoa deve não somente entender os méritos intelectuais de sua posição e as falácias na posição de seu oponente, mas ele deve saber como apresentar de maneira convincente seus argumentos dentro das restrições impostas pelas regras do debate formal. Ele deve pensar e agir estrategicamente.

Contudo, a maioria das pessoas raramente participa de debates formais. É mais provável que elas debatam os méritos intelectuais de suas crenças em ambientes informais — no lar, no trabalho, com estrangeiros no avião, ou com professores na sala de aula. Certamente, até mesmo nessas situações, a pessoa deve pensar e agir estrategicamente — alguns “movimentos” ainda são melhores do que outros.

Uma diferença é que a trajetória da confrontação intelectual não é mais moldada pelas regras do debate formal. É verdade também que até mesmo debates informais são frequentemente restringidos por limitações de tempo, a disposição dos participantes, e assim por diante. Algumas situações permitem que a conversação dure somente alguns minutos, em cujo caso o crente deve realizar uma “demolição” imediata da posição do incrédulo, resumir a cosmovisão bíblica o melhor que ele puder, e em geral tentar dizer o suficiente para que seu ouvinte pondere mais tarde.

Assim, talvez o debate informal no qual cada questão é discutida a fundo permanece sendo uma raridade, ou até mesmo um ideal. Todavia, não é incomum que uma discussão privada sobre religião dure várias horas, e algumas vezes continuem por até mesmo semanas ou meses. Isso permite que o crente apresente e defenda completamente a cosmovisão bíblica, e examine e destrua totalmente o sistema de crença inteiro do incrédulo.

Embora o método bíblico para a apologética possa funcionar e triunfar facilmente tanto em debates formais como informais, um ambiente informal apresenta ao apologista bíblico uma oportunidade deliciosa. Um campeão de boxe pode ser capaz de nocautear seu oponente tanto num ringue de boxe como numa rua. A diferença é que ninguém será “salvo pelo sino” numa luta de rua, dando dessa forma ao nosso campeão a oportunidade de massacrar completamente seu oponente.

Da mesma forma, embora o método bíblico para a apologética possa devastar nossos oponentes não-cristãos tanto em debates formais como informais, as restrições dos debates formais fornecem algumas medidas de proteção contra os nossos ataques implacáveis. Certamente, em debates informais, nossos oponentes ainda podem abortar

a confrontação escapando fisicamente de nossa presença, mas o orgulho deles frequentemente os mantém cativos, dando-nos assim a oportunidade de fazer nossa vitória óbvia e completa.

No que se segue, apresentarei vários princípios importantes na apologética bíblica ¹ que aumentam a performance e a eficácia da pessoa quando defendendo a fé em ambientes informais. Esses princípios frequentemente negligenciados parecem simples, mas eles são as armas divinas que Deus nos deu para assegurar nossa vitória em confrontações espirituais e intelectuais contra incrédulos e blasfemos.

Visto que o entendimento e o uso apropriado desses princípios são possíveis somente quando a pessoa tem como seu fundamento intelectual um sistema bíblico de teologia e filosofia, bem como um método bíblico para a apologética, estou me dirigindo principalmente àqueles que já estão familiarizados com algumas das minhas obras anteriores, especialmente minha *Teologia Sistemática*, *Questões Últimas*, e *Confrontações Pressuposicionalistas*, e que estão em concordância essencial com o que eu tenho escrito.

Isso é de grande importância, pois um método bíblico para a apologética, quando dado um tempo suficiente para agir, tal como numa discussão informal durante várias horas, destruirá completamente qualquer idéia, teoria ou argumento anti-bíblico. Assim, se o próprio cristão sustenta uma visão anti-bíblica de, digamos, epistemologia, ele descobrirá que seu ataque contra a epistemologia do incrédulo, usando nossos argumentos bíblicos pressuposicionalistas, destruirá também sua própria epistemologia anti-bíblica. Pela mesma razão, é impossível para arminianos empregar apropriadamente o método bíblico na apologética, simplesmente porque o arminianismo é anti-bíblico, de forma que um método para a apologética destruirá o arminianismo tão prontamente como o ateísmo, ou qualquer outra idéia ou sistema anti-bíblico.

Quando Paulo fala sobre nosso conflito contra forças demoníacas e idéias anti-bíblicas, ele algumas vezes emprega metáforas de guerra, e assim, algumas partes da nossa discussão sobre apologética surgirão a partir delas e se referirão a elas. Agora, pelo menos parcialmente por causa dos eventos recentes com relação ao terrorismo islâmico, muitas pessoas têm se tornado especialmente sensíveis à linguagem de guerra no contexto de religião. Portanto, deixe-me declarar desde o início que quando emprego tal idéia, estou falando metaforicamente, estou me referindo à guerra *espiritual* — conflitos intelectuais que são resolvidos por argumentos racionais, e *não* por violência física. Talvez algumas pessoas prefeririam evitar totalmente as metáforas de guerra, mas visto que a própria Escritura usa essas metáforas, tal preferência é ela mesma uma “pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus” (2 Coríntios 10:5), e, portanto, é uma preferência à qual eu me recuso me acomodar.

Há aqueles que afirmam que se uma pessoa é zelosamente comprometida com sua religião, então ela é, por definição, um fanático perigoso, assim como os terroristas

¹ Visto que eu creio que minha postura na apologética tem sido fielmente derivada da Bíblia, no que se segue, eu me referirei à “minha postura” e à “postura bíblica” intercambiavelmente, assim como eu chamaria o Cristianismo de “minha fé”, “minha religião”, ou “minha cosmovisão”, e a teologia cristã de “minha teologia”. O ponto é que eu não assevero, mas antes nego, que “minha postura” na apologética resulte de minha própria especulação ou reflexão filosófica; pelo contrário, eu afirmo que ela é a mesma postura que é ensinada e implicada pela Escritura.

islâmicos. Eles dizem isso sem considerar o que a religião realmente ensina, e se o que ela ensina é verdadeiro. Alguns deles assumem que todas as religiões são falsas e até mesmo perigosas, de forma que o zelo religioso nunca é produtivo, para não dizer racionalmente justificado. Essa é uma posição ignorante e irracional, e novamente, é precisamente uma daquelas idéias que podemos refutar pela apologética bíblica, e que devemos demandar que os incrédulos defendam.

Quanto a mim, não me envergonho das metáforas sobre guerra de Paulo. Eu deixarei a minha intenção clara para ajudar a evitar mal-entendidos, mas eu não me desculparei por dar plena expressão, reconhecimento, adaptação e aplicação à linguagem de guerra da Escritura nos meus escritos sobre apologética. Não, eu não me envergonho de Paulo de forma alguma, mas eu realmente me envergonho daqueles cristãos professos que evitam moldar o seu discurso de acordo com a Palavra de Deus. Após essa extensa clarificação, eu rejeito qualquer responsabilidade por qualquer mal-entendido nessa área. Meu palpite é que algumas pessoas ainda distorcerão e criticarão, mas eu recuso ser intimidado à submissão, e a evitar legítimas expressões e padrões de pensamento bíblicos.

Finalmente, os princípios a seguir não devem ser tomados como passos rígidos para serem usados ou apresentados numa ordem ou maneira fixa; antes, eles representam atitudes e agendas que o crente deve ter em mente durante o debate, misturando-os flexível e suavemente na conversação natural em suas confrontações intelectuais com o incrédulo.

Eu desejaria organizar os seguintes materiais de uma forma melhor, e talvez incluir detalhes e itens adicionais, juntamente com alguns materiais avançados. Contudo, visto que estou relutante em tolerar um atraso adicional, e visto que há outros projetos de escrita esperando minha atenção, decidi arranjar rapidamente o que se segue. Se houver demanda, então posso considerar oferecer uma versão revisada e expandida num tempo futuro.

1. AFIRME O INEVITÁVEL

1 CORÍNTIOS 1:18-31

Pois a mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo, mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Pois está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes”.

Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde está o questionador desta era? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação. Os judeus pedem sinais miraculosos, e os gregos procuram sabedoria; nós, porém, pregamos a Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem.

Irmãos, pensem no que vocês eram quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é, a fim de que ninguém se vanglorie diante dele.

É, porém, por iniciativa dele que vocês estão em Cristo Jesus, o qual se tornou sabedoria de Deus para nós, isto é, justiça, santidade e redenção, para que, como está escrito: “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor”.

1 CORÍNTIOS 2:14-16

Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente. Mas quem é espiritual discerne todas as coisas, e ele mesmo por ninguém é discernido; pois “quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?” Nós, porém, temos a mente de Cristo.

A Escritura ensina que, de acordo com sua própria sabedoria, Deus determinou que a sabedoria humana nunca descobriria a verdadeira natureza da realidade, o fundamento da qual é o próprio Deus. Ele também determinou colocar a sabedoria que leva à salvação além do alcance da especulação humana. Através disso, ele pretende frustrar a sabedoria humana, destruir o orgulho humano, e esmagar toda aspiração humana que se exalta contra a sabedoria de Deus. Todos os sistemas de pensamento não-cristãos começam, continuam e terminam em fracasso intelectual e prático. Assim, Deus tem tornado todas as filosofias e religiões não-cristãs tolas e fúteis.

As cosmovisões não-cristãs são tolas porque elas são irracionais. Um modo racional de pensar e conhecer chega a conclusões validamente e necessariamente deduzidas a partir de premissas verdadeiras. Mas os incrédulos não têm nenhuma forma de conhecer

premissas verdadeiras, e nem eles raciocinam por deduções válidas; antes, eles fazem a si mesmos o ponto de referência último para o conhecimento, supondo falsamente que eles podem descobrir a natureza da realidade através da intuição, sensação e indução. As alegadas revelações nas religiões não-cristãs não são diferentes, visto que elas são de fato invenções humanas.

As cosmovisões não-cristãs são fúteis porque, sendo tolas, elas não podem descobrir o supremo bem; além do mais, elas falham em obter até mesmo os seus próprios objetivos designados. Aqueles que prometem utopias sociais terminam em pobreza e opressão, aqueles que pregam o nirvana terminam em fracasso e desapontamento, se não insanidade, e aqueles que professam buscar a Deus aparte da revelação bíblica não conseguem nada, exceto assegurar aos seus seguidores um lugar no inferno. Aparte da revelação bíblica, todo conhecimento humano e todo esforço humano resulta em futilidade extrema – em derrota, desespero e morte.

Se alguém for descobrir a verdade e alcançar a salvação, isso deve ser pela graça soberana e chamado eficaz de Deus. De acordo com a sua própria vontade, Deus frequentemente chama e salva aqueles que são considerados inferiores pelos padrões humanos, e ele os escolheu para embaraçar e frustrar aqueles que descansam e julgam por esses mesmos padrões. Ele usa os “insignificantes” e “desprezados” para reduzir a nada aqueles que se consideram alguma coisa.

Tudo isso é vontade e desígnio de Deus. Ele faz isso para que ninguém possa se vangloriar sobre si mesmo, e para que se alguém se gloriar, ele possa se gloriar somente sobre o que Deus fez em Cristo. A vontade de Deus não é somente que o homem não possa alcançar a salvação por seu próprio raciocínio pecaminoso, mas que ele não possa nem mesmo alcançar a racionalidade e o conhecimento por seu próprio poder. A Escritura não faz um contraste entre as capacidades humanas nativas dos cristãos e dos não-cristãos; antes, ela faz um contraste entre as capacidades do homem e as capacidades de Deus – entre o poder humano e o poder divino, a sabedoria do homem e a sabedoria de Deus. Quando essas são postas uma contra a outra, não há nenhuma competição: “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem”.

Se até mesmo “a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana”, então se alguém pode obter mesmo que seja uma porção pequena, minúscula, diminuta e quase insignificante da sabedoria divina, ele será capaz de fácil e absolutamente esmagar num debate qualquer pessoa que estiver operando sobre a sabedoria humana. Esta é a base para a vitória na apologética bíblica. Deus revelou uma porção de sua sabedoria divina na Escritura. Àqueles a quem ele chamou para si pelo evangelho é também concedido o aprender e o afirmar os ensinamentos da Escritura. Assim, eles compartilham a perspectiva de Deus; eles compartilham uma porção do conhecimento de Deus; eles sabem algo sobre o modo do pensamento de Deus, e eles começam a padronizar seus pensamentos segundo ele. Em resumo, eles têm “a mente de Cristo”.

Segue-se que enquanto dependermos da sabedoria de Deus, enquanto aderirmos rigorosamente à cosmovisão bíblica como revelada na Escritura – isto é, enquanto seguirmos a mente de Cristo e não voltarmos à nossa forma anterior de pensamento – seremos capazes de fácil e completamente esmagar qualquer não-cristão num debate.

Assim como nenhum não-cristão pode derrotar a mente de Cristo, nenhum não-cristão pode derrotar alguém que segue a mente de Cristo em tudo o que ele pensa e crê.

A única razão pela qual algum cristão perderia ou pareceria perder quando debatendo com um não-cristão é porque, pelo menos durante o curso do debate, o cristão falhou em permanecer perto do modo de pensamento de Deus. Em outras palavras, ele estava tentando usar a sabedoria não-cristã para defender a cosmovisão cristã. Agora, porque o pensamento não-cristão é tão irracional e conflitante, no meio da confusão o cristão pode frequentemente parecer ter sido bem sucedido, mesmo que ele falhe em usar os argumentos bíblicos, mas essa não é a forma como um cristão deveria ganhar um debate. Em todo caso, a vitória clara e decisiva é nossa quando arranjamos o debate de uma forma que coloque a sabedoria humana contra a sabedoria de Deus.

Eu digo tudo isso para chegar num dos princípios mais importantes na apologética bíblica – a saber, que se você aprender e aplicar o método bíblico para apologética, você será capaz de esmagar decisivamente qualquer não-cristão num debate. Você será capaz de desconcertar e embaraçar completamente qualquer incrédulo.

Certamente, há princípios básicos e avançados quando diz respeito à apologética bíblica, mas enquanto uma pessoa tiver o mínimo de capacidade mental para aprender algumas táticas simples que servem para aplicar o conhecimento bíblico e raciocínio sólido para uma discussão intelectual, até mesmo uma criança que aprendeu a realizar apologética bíblica pode facilmente demolir um professor de filosofia num debate.

A lacuna na experiência e educação faria apenas uma diferença superficial. O que importa é a capacidade da criança em claramente confrontar a sabedoria humana do filósofo com a sabedoria divina da Escritura. Como Davi disse para Golias: “Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou” (1 Samuel 17:45). A força humana de Golias era irrelevante, pois Davi estava indo contra ele com o poder divino. Da mesma forma, um velho idiota instruído ainda é um idiota, e tudo o que ele tem a mais é orgulho, e não sabedoria. Em contraste: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso” (Salmo 111:10).

Alguns de vocês podem não entender o porquê eu digo que esse é um dos princípios mais importantes na apologética bíblica. Visto que ele é um ensino bíblico, você pode concordar que ele é verdadeiro, e talvez até mesmo pensar que seja bom conhecê-lo, mas você não pode imaginar como ele será útil para você se tornar um apologista eficaz. Contudo, não somente esse é um dos princípios mais importantes na apologética bíblica, mas para algumas pessoas, e especialmente aquelas que já aprenderam o método bíblico para a apologética, ele é o fator faltoso na busca deles em se tornar um apologista invencível.

Para muitos cristãos, o obstáculo número um na apologética é o respeito deles ou até mesmo medo das mentes e idéias não-cristãs. Esses cristãos têm sido informados, frequentemente pelos próprios não-cristãos, que os não-cristãos são a elite intelectual desse mundo. Até mesmo ministros cristãos reconhecem diante de suas congregações que muitos não-cristãos são altamente inteligentes, e que muitas das suas idéias são profundas e brilhantes. Assim, quando o cristão típico apresenta-se contra um não

cristão num debate, ele frequentemente assume que embora o não-cristão esteja ultimamente errado, esse oponente terá muitas questões inteligentes e muitas objeções difíceis contra a fé cristã, e que mesmo que ele consiga sobrepujar o assunto intelectual do não-cristão, será uma luta dura, e o resultado não será claro e decisivo.

Essa falsa crença sobre a inteligência dos não-cristãos produz um forte bloqueio mental em muitos apologistas aspirantes. Diversas e diversas vezes, cristãos têm me perguntado como responder certas questões e objeções de incrédulos. Algumas vezes eu posso entender o porquê eles não sabem como responder. Por exemplo, algumas das questões têm a ver com certos aspectos da fé cristã que nem todos crentes já estudaram.¹ Todavia, frequentemente me parece que os cristãos deveriam ser capazes de facilmente responder as questões e objeções sem me perguntar, especialmente aqueles que já aprenderam o básico da apologética bíblica. Muitos deles foram impedidos porque assumiram falsamente que essas questões e objeções dos não-cristãos deveriam ser mais inteligentes do que parecia, e assim, deveria ser mais difícil respondê-las do que parecia sê-lo.

Deixe-me falar claramente (como se eu não fosse sempre!): Uma razão pela qual alguns cristãos não tem alcançado o nível de competência em apologética que eles vêem em mim é porque eles não chegaram nem perto de obter o meu profundo desprezo por todas as idéias, teorias, filosofias e religiões não-cristãs. Assim, eles ainda estão cegos para a verdadeira força da cosmovisão bíblica, e cegos para a loucura ridícula e extremamente hilária de todo o pensamento não-cristão. De fato, esse aspecto do meu ensino sobre apologética é talvez um dos mais repulsivos até mesmo para os apologistas cristãos, mas esse é o porquê eles nunca são capazes de liberar completamente o poder da apologética bíblica para destruir nossos oponentes, e esse é o porquê suas respostas aos incrédulos serão frequentemente fracas, indecisas e comprometedoras.

Em 2 Reis 6, lemos que o Rei de Arameu enviou seu exército para capturar Eliseu. Quando os cavalos e carros de guerra cercaram o profeta e seu servo; o servo entrou em pânico e perguntou: “Ah, meu senhor! O que faremos?”. Eliseu disse-lhe: “Aqueles que estão conosco são mais numerosos do que eles”, e então ele orou, “SENHOR, abre os olhos dele para que veja”. “Então o SENHOR abriu os olhos do rapaz, que olhou e viu as colinas cheias de cavalos e carros de fogo ao redor de Eliseu” (veja v. 11-17). Da mesma forma, a sabedoria e o poder divino estão do nosso lado, nas precisamos orar por visão espiritual, de forma que possamos perceber a sabedoria de Deus bem como a tolice dos pagãos.

Novamente, até mesmo muitos ministros cristãos, que são de outra forma sadios em doutrina, exaltam a sabedoria de homens incrédulos, mas fazer isso é anti-bíblico, improdutivo e desnecessário. Antes, a Escritura ensina que todos os pensamentos dos incrédulos são tolos e fúteis, estúpidos e pecaminosos. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que suas idéias são sábias somente de acordo com os *padrões humanos*; isto é, eles são sábios somente quando eles aprovam a si mesmos, e quando eles julgam a si mesmos pelos seus próprios padrões pecaminosos. Mas da perspectiva de Deus – isto é, da perspectiva objetiva, realística e bíblica – todos os pensamentos do incrédulo são irracionais e rebeldes. Que os ministros cristãos, então, falem em consonância com a

¹ Esse é o porquê embora o que estamos discutindo agora seja *um* dos princípios mais importantes na apologética bíblica, *a* única coisa mais importante que você pode fazer para se tornar um melhor apologista é estudar teologia sistemática.

Escritura, ao invés de enviar mensagens misturadas para o nosso povo, que minam a confiança e obscurece a visão espiritual deles.

Certamente, não estou sugerindo que devemos subestimar nossos oponentes, mas não devemos evitar subestimá-los através de uma *superestimação* deles. Não devemos afirmar conscientemente algo falso sobre eles. Antes, devemos avaliar nossos oponentes à luz da sabedoria bíblica: “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (Romanos 1:22). Em outras palavras, eles pensam que são espertos, mas são estúpidos. Que o cristão professo que rejeita aceitar e aplicar essa verdade arranque essa página de sua Bíblia, ou melhor ainda, abandone totalmente a apologética. Deixe que aqueles de nós que realmente sabem o que ela significa contendam pela fé.

Nós evitamos nos tornar negligentes no debate ouvindo meticulosamente os argumentos de nossos oponentes, criticando cada palavra, cada proposição, a relação entre cada palavra e cada proposição, cada inferência e cada implicação. Evitamos subestimar nossos oponentes nos comprometendo ao uso de força intelectual sobrepujante para dismantelar cada aspecto das cosmovisões, filosofias e religiões deles. Não estamos satisfeitos com nada menos do que a total aniquilação intelectual de cada aspecto do sistema de pensamento deles. E podemos fazer isso porque até mesmo a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria do homem, e através da Palavra e do Espírito de Deus, nós de fato temos a mente de Cristo. Por outro lado, alguns crentes esperam tanto essa extrema competência de seus oponentes que ficam cegos para os erros evidentes que permeiam todos os argumentos anti-bíblicos.

Sobre a base bíblica de que Deus tornou todos os não-cristãos tolos e fúteis, que a sabedoria divina é infinitamente maior do que a sabedoria humana, e que eu tenho a mente de Cristo que Deus revelou na Escritura, eu trato toda questão, objeção ou argumento anti-bíblico sabendo que não existe nenhum não-cristão nesse mundo que possa me derrotar num debate. Não importa se ele é um ateuista ou um budista, um muçulmano ou um mórmon, um filósofo ou um cientista. Enquanto a cosmovisão do meu oponente não for idêntica àquela da Bíblia, não há nenhuma possibilidade de que ele possa me derrotar. De fato, se todos os não-cristãos desse mundo se reunissem contra mim, isso não faria a mínima diferença. Por outro lado, dada as condições apropriadas – por exemplo, se houver tempo suficiente, e se ambos os lados desejarem completar o debate – eu alcançarei a vitória completa e decisiva todas as vezes.

Podemos considerar também esse princípio a partir da fé ou incredulidade. Se você é um cristão, então você deveria crer na Escritura. Se você crê na Escritura, então você deveria crer que a sabedoria divina é maior do que a sabedoria humana, e que Deus tem lhe concedido algo de sua sabedoria, que ele tem permitido que você veja coisas a partir de sua perspectiva, e que ele tem te revelado algo de seus pensamentos, de forma que você tem a mente de Cristo. Se você tem a mente de Cristo, se você pensa em linha com a sabedoria divina, então desde que você não se desvie dessa forma de pensamento, nenhum não-cristão pode te derrotar num debate; pelo contrário, você será capaz de acabar e refutar qualquer argumento e posição não-cristã.

Você pode permitir que a incredulidade te impeça, ou que a sabedoria divina seja liberada para devastar seus oponentes pela fé. Você pode dizer com os israelitas incrédulos: “Vimos também os gigantes, os descendentes de Enaque, diante de quem parecíamos gafanhotos, a nós e a eles” (Números 13:33). Ou, sobre a base de que Deus

tornou o pensamento não-cristão tolo e fútil, você pode dizer com Josué e Calebe: “Somente não sejam rebeldes contra o SENHOR. E não tenham medo do povo da terra, porque nós os devoraremos como se fossem pão. A proteção deles se foi, mas o SENHOR está conosco. Não tenham medo deles!” (14:9).

Porque o meu método para apologética depende totalmente da revelação bíblica, eu sei que posso vencer todas as vezes. Essa confiança não está baseada em algum dom intelectual único que penso possuir, mas está baseada na superioridade da sabedoria de Deus como revelada na Escritura, que está disponível para, e em princípio afirmada por, todo cristão. Portanto, se você aprende a depender totalmente da sabedoria bíblica à medida que você defende a fé, você também vencerá todas as vezes. Se você tem estado prestando atenção, e se você está respondendo e se submetendo às palavras da Escritura que tenho tentado lhe comunicar, então você provavelmente está sentindo uma nova confiança se levantando em seu coração. Não, isso não é uma confiança em você mesmo, mas é uma confiança legítima e racional na grandeza e superioridade da sabedoria de Deus.

Nós não reivindicamos ser intelectualmente superiores aos incrédulos *em nós mesmos*; antes, admitimos livremente que, *pelos padrões humanos*, muitos de nós éramos intelectualmente inferiores aos incrédulos antes da nossa conversão, e quando julgados pelos padrões de Deus, éramos tolos assim como todos os não-cristãos. Contudo, desde então, Deus tem soberanamente nos regenerado e iluminado, e nos dado a mente de Cristo, e nos feito intelectualmente muito superiores a todos os não-cristão. Portanto: “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor”.

2. ATAQUE O INIMIGO

2 CORÍNTIOS 10:3-5

Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo.

Alguns dos nossos oponentes são exteriormente hostis. Eles podem nos insultar, zombar e xingar.² Eles nos consideram como tolos, fanáticos e a escória do mundo, e eles não receiam de nos dizer isso. Outros parecem mais normais, e falarão com você sobre religião aparentemente com a mesma atenção e respeito que mostrarão quando falando sobre assuntos sérios com não-cristãos. Então, alguns parecem tão gentis que soam como condescendentes e obnóxios.

Contudo, visto que todos são incrédulos, todas essas diferenças são superficiais. Muitos cristãos desejam considerar as discussões religiosas deles com não-cristãos como diálogos amigáveis entre seres humanos companheiros que estão ambos interessados em descobrir a verdade através de investigações racionais. Mas isso é anti-bíblico e irrealista. É verdade que muitos incrédulos parecem sinceros e corteses, mas Deus olha para os pensamentos e intenções dos homens, e não apenas para a aparência e comportamento.

Você poderia protestar que, diferente de Deus, não podemos perceber diretamente os corações das pessoas; contudo, isso não significa que devemos, portanto, julgar as pessoas de acordo com a sua aparência. Em outro contexto, Jesus disse: “Não julguem apenas pela aparência, mas façam julgamentos justos”. De fato, não podemos perceber diretamente os corações das pessoas, mas não precisamos, pois a Escritura nos diz o que está nos corações delas. A Escritura nos diz o que Deus percebe quando ele olha além da aparência. Quando Deus olha para elas, ele não vê um grupo de cavalheiros

² Aqui estou me referindo somente aos casos quando nossos oponentes hostis nos xingam com nomes depreciativos *sem justificção racional*. Contrário ao que muitos parecem pensar, “xingar” *não* é sempre uma falácia informal. Se o nome ou rótulo depreciativo aparece no contexto de um argumento válido, e é o resultado desse argumento, então o nome ou rótulo é de fato uma conclusão lógica, não uma falácia informal. Por exemplo, eu tenho um direito perfeitamente racional de chamar um ateuista de “idiota” se eu puder fornecer a justificção racional para aplicar essa palavra ao ateuista, ou se ela vem no final de um argumento sólido. Simplesmente porque algumas pessoas não gostam dessa conclusão lógica não faz dela uma falácia; antes, protestar contra ela sem justificção lógica é em si mesmo uma falácia. Para alguém cometer uma *falácia* de xingamento, ele deve cometer algum erro *lógico* em sua aplicação do nome ou rótulo. Isso vale para cristãos e não-cristãos. Se a pessoa que aplica o nome ou rótulo pode mostrar logicamente que isso se ajusta ao seu oponente, então o mesmo não pode ser uma falácia, não importa quão insultante o nome soe. Também, se a aplicação do nome ou rótulo é de fato parte da cosmovisão da pessoa, então ela deve ter a permissão de expressá-lo assim como tem a permissão de expressar qualquer parte de sua cosmovisão durante o curso do debate, de forma que suas crenças possam ser discutidas e examinadas, e para que ela possa chamar seus oponentes precisamente do que ela afirma e deseja defender.

civilizados e educados, mas vê uma geração de víboras, bestas ignorantes, mulas teimosas e cães depravados. Ele vê um grupo de idiotas, idólatras e inimigos de Deus.

Todos seres humanos nascem como pecadores e rebeldes, e porque todos os incrédulos nunca foram convertidos a Deus, eles permanecem como pecadores e rebeldes, não importa quão sinceros e corteses eles parecem para você. Como cristãos, somos de fato intelectualmente e moralmente superiores, mas somos superiores somente porque Deus nos transformou e nos *fez* superiores por sua graça soberana, e não por nossa vontade ou obra. Nós admitimos livremente que éramos tão estúpidos e perversos como nossos oponentes não-cristãos, mas isso não muda o fato de que eles são de fato estúpidos e perversos, que a aparência deles é superficial, e que o discurso gentil deles é insincero.

Quando um incrédulo reivindica buscar entendimento sobre nossa fé, ou mesmo quando ele reivindica buscar salvação através de Cristo, e mesmo que Deus no final o regenere e converta, enquanto ele ainda for um incrédulo e não-regenerado naquele momento, então, naquele momento ele ainda é interiormente insincero e espiritualmente hostil. Em conexão com isso, há duas seções relevantes no *Theology in Dialogue* de John Gerstner, que lemos a seguir:

C: Não. Deus não faz nenhuma promessa aos seus inimigos não-regenerados.

I: Você é um senhor severo.

C: Eu admito que essas coisas são muito duras, mas eu lhe relembro que um pecador é um inimigo de Deus. Ele declarou guerra contra Deus. Você é um desses pecadores e está em guerra contra Deus.

I: Mesmo que eu esteja buscando a Deus?

C: Sim, eu não posso te lembrar tão frequentemente que você não o está buscando *verdadeiramente*... Aqui é onde o uso de Paulo daquela linguagem em Romanos 3 entra. Ele diz ali que ninguém busca a Deus. O que ele quer dizer é que ninguém em seu estado natural caído busca sinceramente a Deus. Há alguns no estado caído que, digamos, buscam insinceramente a Deus, como você está fazendo agora...³

I: O que te faz dizer que a Bíblia diz que eu não quero dizer o que eu digo? Onde a Bíblia diz que eu não quero vir a Cristo?

C: O próprio Cristo diz, em João 3:19: “Esta é a condenação do mundo: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más”. Em outras palavras, Cristo diz que pessoas não convertidas não vêm àquele que é a luz do mundo. Eles não querem vir a ele, pois eles amam as trevas, e ele é a luz. De acordo com a sua própria confissão,

³ John H. Gerstner, *Theology in Dialogue* (Soli Deo Gloria Publications, 1996), p. 406-407.

você ainda é uma pessoa não convertida. Isso significa que você é um amante das trevas, não da luz. Consequentemente, você não pode vir sinceramente a Cristo.⁴

Em outras palavras, porque um incrédulo ainda é internamente rebelde para com Deus, mesmo quando ele parece sinceramente inquirir sobre sua fé, sempre há segundas intenções perversas. Certamente, se Deus o escolheu para salvação, então pode ser que Deus ordenou a ocasião para convertê-lo. Sua conversão então ainda seria um resultado da graça soberana de Deus, na ocasião de sua inquirição, e a despeito de seu motivo mau. O próprio não-cristão pode estar enganado, e ele pensa que está fazendo perguntas honestas a partir de um motivo sincero de entender; contudo, enquanto ele permanecer como inconverso, ele estará inquirindo a partir do orgulho, rebelião e egoísmo, e permanece um inimigo e desprezador de Deus.

Estou dizendo tudo isso não porque eu quero que você reaja tornando-se interiormente hostil aos incrédulos, mas quero que você considere seu engajamento intelectual com eles como uma batalha espiritual. Se você prestar atenção somente aos sinais superficiais, e se você estiver olhando somente para as indicações físicas de hostilidade, então de fato nossos debates e discussões com os incrédulos frequentemente não parecerão hostis demais. Contudo, sinais físicos são quase irrelevantes porque estamos falando sobre uma batalha *espiritual*, e a hostilidade *espiritual* entre cristãos e não-cristãos. Quando começamos a observar as diferenças em pensamentos e motivos, idéias e crenças, então imediatamente percebemos que nosso engajamento intelectual com os incrédulos é uma batalha entre o bem e o mal, entre a sabedoria e a tolice, e entre Deus e Satanás.

Muitos cristãos abordam os não-cristãos sobre a base de sua humanidade comum, e, portanto, parece para eles que o engajamento é apenas um diálogo amigável entre colegas sobre as questões importantes da vida. De fato, muitos esforços evangelísticos e apologéticos são tão antropocêntricos que é como se eles estivessem do mesmo lado dos incrédulos, enquanto Deus está do outro lado. Contudo, como cristãos, devemos abordar os não-cristãos sobre a base do que temos em comum *com Deus* e *com outros cristãos*, e sobre a base de nossas *diferenças* com os não-cristãos.⁵ Jesus disse que quem não é com ele é contra ele; portanto, se você está do lado de Cristo, todos os não-cristãos estão do outro lado oposto, contra você e o seu Senhor. Como Paulo escreve:

Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? Que acordo há entre o templo de Deus e os ídolos? Pois somos santuário do Deus vivo. Como disse Deus: “Habitarei com eles e entre eles andarei; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Portanto, “saiam do meio deles e separem-se”, diz o Senhor. “Não toquem em coisas impuras, e eu os receberei” (2 Coríntios 6:14-17)

Embora possamos ter relacionamentos amigáveis com não-cristãos num nível superficial, a Escritura insiste que estamos em guerra com eles num nível espiritual.

⁴ Ibid., p. 426-427.

⁵ Em linguagem teológica, estou vos lembrando da “antítese” entre cristãos e não-cristãos.

Assim, quando você fala a um incrédulo sobre sua fé, não considere isso como um exemplo de dois seres humanos buscando juntos a verdade. Você já tem a verdade – você está explicando-a e defendendo-a, quando o incrédulo está resistindo-a, desafiando-a, e frequentemente até mesmo blasfemando-a. Quer ele use um comportamento amigável ou hostil é de importância apenas superficial. Enquanto ele for um incrédulo, ele está desafiando o seu Deus, e não é o seu dever ser indiferente ou imparcial sobre isso; antes, você deve colocar seu zelo pela honra de Deus muito acima de sua preocupação e simpatia pelo incrédulo. A empatia antropocêntrica deve ser totalmente descartada. Deus vê a situação como guerra, portanto, você deve vê-la como guerra. Falhar em ver nossa situação como Deus a vê é desafiar a Deus, e reprimir a apologética.

Também, contrário ao modo como muitos crentes pensam, é anti-bíblico fazer uma separação rígida das pessoas de suas crenças e ações. É conveniente dizer: “Eu não sou contra você, mas somente contra suas crenças e ações” – isso é uma escusa para o crente professo prestar serviço labial aos ensinamentos bíblicos sobre a “antítese”, e ao mesmo tempo falar e agir como se não houvesse nenhuma antítese. Blasfêmias e heresias não invadem simplesmente as mentes das pessoas – são as *pessoas* que abraçam e espalham as mesmas; da mesma forma, pecados não ocorrem por si mesmos – as *pessoas* pecam, e *elas* pecam porque elas são más. Consequentemente, os inimigos de Deus não são simplesmente as crenças e ações anti-bíblicas, mas as *pessoas* que abraçam essas crenças e realizam essas ações, e Deus irá enviar tanto as crenças como as pessoas incrédulas para o inferno.

A Escritura de fato ensina que não estamos em guerra contra “carne e sangue”, e alguns tomam isso como significando que a guerra não tem nada a ver com pessoas, mas somente com suas crenças e ações, e talvez também com poderes demoníacos. Contudo, isso é contrário ao ensino bíblico, pois desde o princípio, Deus disse que o conflito seria contra a “descendência” da serpente (Gênesis 3:15) – isto é, não simplesmente o diabo, mas também os seguidores do diabo.

Que não queremos lutar contra “carne e sangue” significa somente que nosso conflito não é físico, de forma que não empregamos estratégias e armas físicas, e não procuramos infligir injúrias físicas aos nossos oponentes. Antes, visto que a guerra é espiritual, nossas armas também são espirituais, e ao invés de usar revólveres e bombas, oramos, pregamos e argumentamos. Em todo caso, a Escritura reconhece que nossos oponentes incluem *pessoas*, e não apenas crenças e ações, ou até mesmo espíritos maus, e que nosso conflito com essas pessoas não pode e não deve ser resolvido por violência física, mas pelo poder espiritual e persuasão racional.

Visto que estamos lutando contra incrédulos, e não apenas dialogando com eles, então assim como lutar qualquer batalha consiste tanto de defesa como de ataque, devemos aprender a realizar tanto a defesa como o ataque intelectual na apologética. Alguns cristãos agem como se a apologética fosse primariamente ou até mesmo somente uma defesa, um responder perguntas e neutralizar objeções. Certamente devemos responder inteligentemente perguntas e objeções, mas numa batalha, a defesa é somente parte da luta.

Como mencionado, enquanto ele permanecer não convertido, o incrédulo não é uma pessoa que busca com sinceridade. Ele nunca faz perguntas humildes e honestas; ele não

quer entender e crer. Pelo contrário, ele quer desafiar a Deus e justificar a si mesmo de todo o seu coração. Ele fala com você a partir de um orgulho intelectual forte, mas não justificado. Ele pensa que é esperto e racional, e que você é estúpido e irracional. Visto que é isso que ele pensa, ele não se aproximará de você sinceramente pensando que, se você simplesmente puder responder várias perguntas que ainda o perturbam, então ele certamente crerá. Ele não pensa sinceramente que você pode estar correto, e que o Cristianismo pode ser verdadeiro com a exclusão de todas as outras cosmovisões, filosofias e religiões.

Portanto, ele não aceitará a derrota simplesmente porque você é capaz de responder várias de suas perguntas e objeções. Para a mente dele, você não pode estar certo, e assim ele continuará fazendo uma pergunta após outra, e levantando uma objeção após outra. Isso não significa que *alguma* dessas perguntas e objeções seja racional ou forte, mas isso é irrelevante – visto que há logicamente um número infinito de perguntas e objeções que alguém pode levantar sobre qualquer proposição, enquanto ele viver, ele pode continuar a inquirir e desafiar, mesmo que cada pergunta ou objeção difira somente em detalhes menores.

Certamente, isso não quer dizer que o incrédulo não possa ser derrotado – qualquer incrédulo pode ser fácil, total e decididamente derrotado. Eu estou apontando somente que, sem a obra soberana de Deus em seu coração, nenhuma pessoa inconversa está sinceramente preparada para aceitar sua fé. Todas as perguntas e objeções dela são insinceras – elas são apenas meios de ataque, não perguntas e objeções sinceras que se colocam como verdadeiros impedimentos à fé. O incrédulo está realmente tão preocupado sobre o problema do mal, de forma que ele viria à fé se você lhe desse uma resposta racional? O incrédulo realmente creria em Cristo simplesmente porque você argumenta em favor da infalibilidade bíblica de uma forma que ele não pode refutar racionalmente? Não, as perguntas e objeções dele são apenas cortinas de fumaça. Ele não aceitará sua fé como verdadeira, mesmo que você responda todas as perguntas e objeções iniciais dele – ele sempre pode inventar mais. O incrédulo rejeita o evangelho porque ele é estúpido e pecador, mas ao mesmo tempo insiste que é de fato esperto e moral.

A apologética bíblica de fato deve responder perguntas e objeções para mostrar que o Cristianismo pode fornecer uma resposta verdadeira e coerente a qualquer desafio racional; contudo, você não deve simplesmente sentar ali e esperar a pergunta ou objeção seguinte. A estupidez e pecaminosidade do incrédulo faz com que ele pense de uma certa forma e creia em certas coisas, e enquanto ele achar um porto seguro no próprio modo de pensar dele, continuará a inventar teimosamente perguntas e objeções bobas contra a fé cristã. Portanto, em adição à defesa da suas próprias crenças, você deve lançar um ataque abrangente, meticuloso e devastador contra o seu oponente. Você deve iniciar e manter uma ofensiva que destrua o próprio modo de pensamento do incrédulo, e explicita ou implicitamente destruir todas as suas idéias anti-bíblicas.

Por exemplo, seu oponente pode reivindicar crer na ciência, e reivindicar que a ciência contradiz o Cristianismo, e, portanto, o Cristianismo deve ser falso. Ele poderia te oferecer um exemplo de como o estudo da biologia parece contradizer certos ensinamentos bíblicos. Alguns cristãos, se eles conhecem algo sobre ciência, ou desafiarão a afirmação científica citada, ou explicarão como ela pode ser reconciliada com os ensinamentos bíblicos. Mas então o incrédulo se moverá para uma objeção a partir da física, e

então química, e então psicologia, e assim por diante. Novamente, não é que haja algum peso em qualquer uma dessas perguntas ou objeções, mas a pessoa que não quer admitir a derrota sempre pode *inventar* algo para perguntar.

Ao invés de agüentar passivamente as perguntas e objeções sem fim do seu oponente, você deve lançar um ataque contra o próprio modo de pensamento dele. Visto que, antes de tudo, o orgulho intelectual dele carece de justificação racional, a menos que Deus o regenere e converta, este orgulho provavelmente permanecerá, não importa o que você faça; contudo, você pode pelo menos expor o fato de que o senso de superioridade intelectual dele é irracional e injustificado. De fato, você pode responder a cada uma das objeções científicas dele, mas com cada resposta, você deve também adotar uma estratégia ofensiva completa que mine a reivindicação dele de racionalidade. Você deve atacar a racionalidade e formulação de cada um das objeções científicas dele; você deve desafiar a confiança dele na ciência e a racionalidade da própria ciência; e você deve questionar a própria inteligência dele.

Essa é a maneira bíblica. Você deve ativa e interminavelmente atacar tudo sobre o pensamento do seu oponente. Você deve demolir cada argumento e capturar cada pensamento. Você deve atacar as crenças dele mais forte e habilmente do que ele ataca as suas. Você deve humilhá-lo intelectualmente, e expor a ilusão de que o orgulho dele é intelectualmente justificado. Porque isso é o que a apologética bíblica demanda, segue-se que você deve desenvolver e aperfeiçoar sua técnica de “demolição” no debate.

Para começar, deveríamos lembrar nossa discussão do capítulo anterior, que porque Deus tornou todos os incrédulos tolos e fúteis, sempre podemos derrotá-los na argumentação quando afirmamos um sistema bíblico de teologia e aplicamos os princípios da apologética bíblica. Uma aplicação específica disso significa que sempre podemos derrotar qualquer pergunta ou objeção levantada contra a fé cristã, e mais do que isso, podemos destruir toda idéia dentro do sistema de pensamento do nosso oponente. De fato, nossa tarefa é demolir cada argumento e captar todo pensamento que desafia o que Deus revelou na Escritura.

Sobre essa base bíblica, nossa estratégia ofensiva ampla é atacar *tudo* na cosmovisão do nosso oponente, tudo o que ele diz, e tudo o que ele implica. Deveríamos tornar cada pergunta numa oportunidade para minar o orgulho intelectual dele, e usar cada objeção como um trampolim para destruir o senso de superioridade intelectual dele.

Aqueles que estão tentando aprender meu método de apologética frequentemente falham em aprender esse princípio. Talvez eles considerem isso um exagero, ou talvez eles não percebam o que “tudo” envolve, de forma que desejo deixar isso muito claro. Quando eu digo que ataco tudo, eu quero dizer *tudo*, e tudo sobre tudo o que tem a ver com algo no sistema de pensamento do oponente. Quando eu digo “tudo” estou me referindo a cada palavra, cada definição de cada palavra, cada implicação de cada palavra, cada proposição, cada conexão entre cada proposição, cada suposição, cada especulação, cada inferência, cada pergunta, cada objeção, cada contradição – *tudo*.

Essa não é uma estratégia para evitar responder nossos oponentes, nem é uma tentativa de impedir o progresso do debate. Nós respondemos nossos oponentes, e facilitamos o progresso no debate, mas esse princípio de ataque necessariamente levanta-se da nossa

própria cosmovisão. Isto é, cremos que os incrédulos começam a partir de falsos primeiros princípios, e então pelo processo defeituoso de raciocínio, eles têm construído suas cosmovisões totalmente irracionais. Essa irracionalidade abrange até mesmo os aspectos menores e mais insignificantes dos sistemas de crença deles, de forma que de fato cremos que cada detalhe nas cosmovisões deles está sujeita ao desafio e refutação.

Visto que os incrédulos parecem inconscientes disso e irão até mesmo negá-lo, e visto que eles de fato crêem que são os racionais e intelectualmente superiores, então segue-se que no processo de destruir o orgulho e ilusão deles, deveríamos expor a irracionalidade abrangente deles. Em adição, visto que os incrédulos frequentemente nos acusam de sermos irracionais, certamente eles não podem protestar quando os seguramos num padrão de racionalidade rígida e lógica correta.

Ao invés de impedir qualquer progresso real, essa abordagem desvela problemas como eles ocorrem, e assim evita qualquer progresso que possa colapsar mais tarde na conversação. Qualquer irracionalidade – qualquer falsa definição, premissa não declarada, suposição injustificada, inferência inválida – deixada despercebida ou não desafiada no curso do debate pode se levantar mais tarde para causar problemas e confusões, e ao mesmo tempo o incrédulo injustificadamente retém seu orgulho intelectual e senso de superioridade. A maioria dos não-cristãos nunca tiveram suas crenças e suposições mais básicas desafiadas – realmente desafiadas – e eles saem de cada debate pensando que, mesmo que eles tenham fracassado em refutar o Cristianismo, pelo menos as próprias crenças deles estão intactas.⁶

A habilidade básica requerida para aplicar o princípio acima é a capacidade de reconstruir e examinar argumentos. Em outras palavras, você deve rearranjar mentalmente tudo que seu oponente diz num silogismo e então examiná-lo. Visto que as pessoas costumam falar em silogismos completos, frequentemente haverá premissas omissas no silogismo reconstruído. Isso em si não indica uma falácia lógica, mas você deve descobrir essas premissas omissas, e então examiná-las.

Você examina um silogismo fazendo perguntas relevantes sobre ele: O que cada palavra nesse silogismo significa? Cada palavra é usada consistentemente durante todo o tempo, ou ele comete a falácia do equívoco? Há premissas omissas? Quais são elas? De onde elas surgem? Essas premissas omissas são verdadeiras e defensáveis? Como meu oponente sabe que essas premissas são verdadeiras? Como ele infere a partir dessas premissas para a conclusão? A inferência é logicamente válida e necessária? Esse argumento comete alguma falácia informal?

Certamente, até mesmo um apologista cristão iniciante conhece sobre silogismos e falácia, mas até mesmo apologistas experientes não submetem *tudo* o que seus oponentes dizem a tal análise lógica. Quando você fizer isso, notará que tudo o que seu oponente diz é de fato fatalmente defeituoso.

Você poderia ser tentado a pensar que algo que parece tão tedioso aplica-se somente aos pontos principais que o oponente faz, para ser realizado no máximo somente algumas

⁶ O incrédulo poderia objetar à nossa abordagem de desafiar tudo sobre suas crenças e declarações, mas essa própria objeção é uma das coisas que deveríamos desafiar. Nem toda objeção é racional, e desafiamos o incrédulo a defender suas perguntas e objeções.

vezes no debate. Mas estou dizendo que você deve agarrar cada oportunidade para expor a tolice do seu oponente, mostrando que ele é totalmente irracional.

Nossa alegação não é somente que os incrédulos afirmam *conclusões* irracionais, mas que ele é totalmente irracional. Ele é irracional em *cada* ponto do seu pensamento, não somente nos pontos principais, e você deve salientar isso para demonstrar a irracionalidade abrangente dele. Além disso, são os pontos aparentemente menores que levam aos principais, e se você o desafiar sobre os pontos menores, ele nunca terá a chance de construir os principais em primeiro lugar, isto é, a menos que você o permita continuar por causa do argumento.

Em todo caso, quanto mais hábil você se tornar em reconstruir e examinar argumentos, mais natural, preciso e abrangente você se tornará em realizar a análise. No início, sua mente pode não ser rápida o suficiente para capturar todas as declarações e argumentos do seu oponente, mas quando esse modo de pensamento se tornar um reflexo ou hábito intelectual, você será capaz de reconstruir e examinar cada declaração expressa durante o curso de um debate ou discussão à medida que ela aparecer.

Isso é como eu penso todas as vezes quando discutindo teológica ou realizando apologética. Cada declaração que eu leio ou ouço é imediatamente rearranjada numa forma silogística, e todas as palavras, definições, premissas, suposições e inferências são examinadas. Eu também escrevo e falo dessa forma. Eu sempre estou ciente das minhas premissas, inferências e conclusões. Certamente, eu nem sempre declaro todas as minhas premissas ou torno todas as minhas inferências explícitas, mas estou ciente delas, e sei como defendê-las se alguém me pedir para fazê-lo. Alguns dos meus leitores mais observadores podem observar que muitos dos meus parágrafos se parecem com silogismos estendidos, e algumas vezes seções inteiras dos meus escritos consistem de uma série desses silogismos estendidos.

O pensamento proficiente e constantemente silogístico é precioso tanto para a defesa como o ataque na apologética. Certamente, não estou reivindicando que alcancei a perfeita racionalidade, mas na extensão em que tenho padronizado meu próprio pensamento segundo a racionalidade de Deus, meu pensamento é preciso e correto, e até mesmo meu próprio reflexo imperfeito da perfeita racionalidade de Deus me faz invencível no debate, pois até mesmo a loucura de Deus é maior do que a sabedoria do homem. A própria Escritura explicitamente usa pensamento silogístico em muitos lugares. E isso é assim porque o silogismo é idéia de Deus. Quer estejamos fazendo isso explícita ou implicitamente, quando pensamos silogisticamente usando premissas fornecidas por proposições bíblicas, nós temos a mente de Cristo.

Quando você aprender a pensar dessa forma – silogisticamente e racionalmente – você observará que os não-cristãos, para não dizer pior, são incrivelmente preguiçosos em formular suas perguntas e objeções, e que em *cada* caso, eles não sabem realmente o que estão perguntando. De fato, não é um exagero dizer que *nenhuma* de suas declarações pode ser logicamente entendida.

Deixe-me dar um exemplo. Uma das objeções mais populares contra o Cristianismo é o assim chamado “problema do mal”, e quando um incrédulo a levanta durante o curso do debate, ele poderia dizer algo assim: “Se Deus é todo-poderoso e amoroso, então por que há tanto mal no mundo?”. A maioria dos cristãos assume que eles sabem o que o

incrédulo quer dizer através disso, e que o incrédulo quer dizer através disso o que eles pensam que ele quer dizer através disso, e então começam a responder a objeção. Mas nós sabemos realmente o que ele quer dizer? *Ele* sabe o que ele mesmo quer dizer?

Da forma como se apresenta, isso não é nem mesmo uma objeção, mas uma pergunta. Sim, a objeção está implicada, mas qual é ela? Uma objeção contra o Cristianismo deve ser um argumento redutível a um silogismo com uma conclusão que contradiz o Cristianismo. Isto é, ela deve conter premissas verdadeiras e necessariamente levar a uma conclusão como: “Portanto, o Cristianismo é falso”, ou “Portanto, o Deus cristão não existe”. Nesse caso, qual é exatamente a objeção? Quais são essas premissas verdadeiras? Qual é o processo exato de raciocínio que necessariamente leva à conclusão de que o Cristianismo é falso ou que Deus não existe?

Você não deveria simplesmente assumir suas próprias respostas a essas perguntas como se o incrédulo tivesse explicitamente declarado-as. Ao invés de fazer todo o trabalho para ele, faça-o fazer o seu próprio trabalho. Demande que ele torne o argumento dele explícito e completo, fazendo-lhe as perguntas relevantes a cada passo do debate. Como com *toda* objeção que os não-cristãos fazem contra o Cristianismo, quando você realizar habilidosamente essa análise e desafio, você verá que o problema do mal não pode ser logicamente formulado. Se ele não pode ser logicamente formulado, então não há nenhuma objeção para você responder.

Seria um engano dizer que nós estamos assim evitando a objeção, pois o incrédulo não pode racionalmente insistir que há uma objeção de forma alguma, quando ele mesmo não sabe o que está perguntando, e quando não temos nenhuma forma racional de entender o desafio. O incrédulo se orgulha muito da racionalidade dele, de forma que ele não tem nenhum direito de se queixar quando uma análise racional esmaga a objeção dele.

Todavia, a Escritura explica a existência do mal, e se fingíssemos que a questão pode ser formulada, isso explicaria como a existência de Deus é consistente com a existência do mal. Mas não devemos aceitar sem críticas a objeção do incrédulo. Ele pensa que a objeção dele faz sentido e é logicamente formulada, e isso reforça o orgulho dele de suas capacidades intelectuais. Como mencionado, na apologética devemos não somente nos defender contra os desafios que se levantam desse orgulho intelectual, mas devemos atacar o próprio orgulho. Não devemos apenas defender e apresentar a sabedoria de Deus, mas também expor e destruir o orgulho do homem, mostrando que ele é de fato um tolo.⁷

Outra forma do problema do mal se refere a eventos específicos que o incrédulo considera problemático ou irreconciliável com os ensinamentos bíblicos. Por exemplo, existe a pergunta: “Onde estava Deus em 11 de Setembro?”.⁸ Muitos cristãos assumem que essa pergunta faz sentido, que eles sabem o que o incrédulo quer dizer, e então começam a respondê-la. Agora, eu entendo que frequentemente usamos “estenografia” em nossa conversa diária, mas eu também entendo o que a Escritura ensina sobre a

⁷ Para uma análise mais detalhada do problema do mal, veja Vincent Cheung, *The Light of Our Minds*, “The Problem of Evil”.

⁸ Estou me referindo aos ataques terroristas contra os Estados Unidos que aconteceram em 11 Setembro de 2001.

tolice e futilidade do pensamento do incrédulo, e, portanto, eu sei que ele não tem nenhuma idéia do que está perguntando com essa pergunta.

Em primeiro lugar, o que ele quer dizer por “onde”? Deus não é local ou físico, de forma que não faz nenhum sentido dizer que ele está num lugar *ao invés* de outro. Assim, se o incrédulo está se referindo a um Deus local ou físico, então sua pergunta não tem nada a ver conosco. Como você sabe que *não* é isso que o incrédulo quer dizer? Devemos perguntar o que ele quer dizer. Por “onde”, ele provavelmente está pensando sobre a relação entre Deus e o evento, e especialmente, se Deus causa ou permite o mal e eventos trágicos, e se sim, como isso é consistente com o que a Escritura ensina sobre Deus. Isso pode ser o que ele quer dizer, mas você não deveria guiá-lo dessa forma diretamente. O incrédulo pensa que é inteligente e racional, de forma que você deve tomar cada oportunidade para mostrar que ele não é – que ele não pode nem mesmo formular apropriadamente uma pergunta é uma indicação de que ele é de fato estúpido e irracional.

Mas então, se ele perguntar como o ensino da Escritura sobre Deus é consistente com a existência do mal, a pergunta ainda está incompleta, pois não há ainda nenhuma indicação clara de qualquer contradição para ser resolvida. Ele tem que incluir uma premissa afirmando que a existência de Deus contradiz a existência do mal, e então ele deve dizer que visto que o mal existe, a conclusão é que Deus não existe. Mas de onde surge essa premissa? Como ele a conhece? Como ele sabe que ela é verdadeira? Também, o que ele quer dizer por mal? De onde provém a definição dele? Se a definição dele de Deus vem da Bíblia, mas a definição de mal vem de fora da Bíblia, então o que a objeção tem a ver conosco? Se as definições dele tanto de Deus como do mal vem da Bíblia, então Deus e o mal, *como definidos pela Bíblia*, contradizem um ao outro? O incrédulo deve mostrar isso.

Você deve exigir que seu oponente se responsabilize pela objeção dele. Se ele fizer a objeção, então ele deve ficar atrás dela. Faça-o declarar explicitamente todas as premissas da objeção dele; faça-o mostrar que as premissas são verdadeiras, e que a conclusão necessariamente segue das premissas. Se ele não pode fazer isso, então ele não ponderou muito sobre a objeção dele antes de usá-la contra você. Isso faz dele intelectualmente irresponsável, e faz dele uma fraude intelectual, pois sua objeção é uma fraude, e não carrega nenhuma substância. Isso faz dele um hipócrita, pois ele te acusa de ser irracional, mas ele não pode nem mesmo declarar racionalmente uma simples pergunta ou objeção. O incrédulo se orgulha da sua inteligência; portanto, você deve atacar sua inteligência, e mostrar que ele é estúpido, e que ele não pode fazer *nada* correto no debate.

Outro exemplo vem do recente debate sobre casamento homossexual. Aqueles que apóiam o casamento homossexual frequentemente dizem: “Como o casamento homossexual prejudica o seu casamento? Como ele te afeta?”. A suposição é que o casamento homossexual é errado somente se ele prejudicar outro alguém. Mas de onde vem essa suposição? Ela requer um argumento prévio para ser estabelecida. Isto é, faz-se necessário haver um argumento com premissas verdadeiras que necessariamente levem à conclusão. “Portanto, o casamento homossexual é errado somente se ele prejudica outro alguém”. Mas da forma como se apresenta, a questão não tem uma força lógica maior do que: “O que o casamento homossexual tem a ver com um sanduíche de presunto?”. Bem, talvez nada, mas e daí?

Muitos cristãos tendem a responder objeções incompletas e irracionais muito rápido (e as objeções dos incrédulos *sempre* são incompletas e irracionais). Nesse caso, eles tentariam imediatamente mostrar como o casamento homossexual de fato prejudica outros, ou eles poderiam afirmar que o casamento homossexual é errado sobre outra base que não o de prejudicar outros. De qualquer forma, isso permite que o incrédulo escape e continue com sua preguiça e irracionalidade. Na apologética, devemos pegá-lo intelectualmente pela garganta e sufocar toda a vida do seu sistema de crença.

Algumas vezes ouviremos um incrédulo dizer algo como: “A evolução tem refutado o Cristianismo”, e então ele simplesmente ficará ali, sorrindo estupidamente, mas triunfantemente, esperando sua resposta. Admitidamente, alguns incrédulos são pelo menos superficialmente mais precisos e extensivos do que isso, mas mesmo então a substância do que eles dizem nunca é melhor.

A declaração da forma como aparece é uma afirmação não justificada, e não um argumento. Logicamente falando, isso não significa que ela esteja errada, mas significa que respondê-la imediatamente seria perder uma oportunidade valiosa (mas não rara) – a oportunidade de desafiar o próprio modo de pensamento do incrédulo.

Para isso se tornar uma objeção racional contra o Cristianismo, o incrédulo precisa mostrar seu raciocínio. Primeiro, ele deve estabelecer a premissa de que a evolução é verdadeira. Segundo, ele deve estabelecer a premissa de que a evolução contradiz o Cristianismo. Então, ele deve mostrar que essas premissas necessariamente produzem a conclusão de que o Cristianismo é falso.

E quanto à objeção de que o Cristianismo é muito “mente-fechada”? Novamente, muitos crentes imediatamente fazem “malabarismo” para explicar como o Cristianismo não é mente-fechada. Mas devemos assumir que o modo de pensamento do incrédulo é basicamente correto, e que ele tem simplesmente entendido incorretamente alguns aspectos do Cristianismo? Isto é, devemos deixar que ele creia que seu padrão de julgamento é de fato correto, e que o que é mente-fechada (ou o que parece ser mente-fechada pra ele) é inaceitável também?

A proposição, “o Cristianismo é muito mente-fechada”, de fato implica uma objeção. Mas qual é ela? E qual é o raciocínio por detrás dela? O incrédulo precisa fazer várias coisas para tornar isso numa objeção real. Primeiro, ele precisa estabelecer racionalmente que o que é mente-fechada é inaceitável.⁹ Segundo, ele precisa estabelecer que o Cristianismo é de fato mente-fechada. Então, ele precisa mostrar que essas duas premissas logicamente e inevitavelmente levam à conclusão de que o Cristianismo é inaceitável ou falso. Também, observe que ele precisa definir claramente todas as palavras e expressões relevantes, e também estabelecer suas premissas com argumentos válidos.

Certamente, se vamos examinar tudo nos exemplos acima, há muitas outras coisas que podemos apontar sobre cada um. Por exemplo, com a pergunta sobre o casamento homossexual, podemos perguntar o que o incrédulo quer dizer por “casamento”, e pedir para ele justificar a sua definição. Também, podemos perguntar o que ele quer dizer por

⁹ Mas a reivindicação do que é mente-fechada também é falsa?

“prejudicar” ou “afetar” alguém. O fato de o casamento homossexual me perturbar ou até mesmo me irar conta como prejudicar ou afetar? Ou ele tem algum outro tipo de dano em mente? Ele deve definir e defender seu padrão, e certamente, similarmente criticaremos também sua definição e defesa.

Mas eu não quero ficar preso a examinar exemplos. Porque há um número infinito de exemplos possíveis, a coisa importante é que você aprenda a forma de pensamento sobre a qual estou falando, e não apenas como responder perguntas e objeções particulares. Além disso, em meus outros escritos, eu já respondi muitas perguntas e objeções específicas. Você pode olhar para eles para exemplos adicionais, incluindo um exame mais detalhado de alguns dos assuntos acima.

O que se segue é um diálogo fictício entre Vincent, Natã e Sam. Esse diálogo esboçado rapidamente é apenas uma ferramenta de ensino – ele não representa *exatamente* o que um não-cristão poderia dizer sob um contexto similar, nem demonstra tudo o que eu faria (e quero que você faça) numa conversação ou debate informal sobre o Cristianismo. Em adição, o diálogo não resolve nenhum dos assuntos que foram abordados até aqui. Novamente, meu propósito é ensinar uma certa forma de pensamento, uma mentalidade bíblica que pode se adaptar a qualquer situação de debate, e não apenas palavras para memorizar.

Natã: Vincent! Você se lembra de mim? Nós nos conhecemos no casamento do Tommy, no ano passado. Como você está?

Vincent: Estou bem, obrigado. Sim, eu me lembro de você.

N: Este é Sam, meu irmão.

V: Oi, Sam.

Sam: Olá.

N: O que você está lendo?

V: Estou lendo *Dogmatic Theology*, de William Shedd.

N: É um livro cristão?

V: Sim, é uma obra cuidadosa sobre um assunto fascinante.

N: Eu nunca poderei ser cristão.

V: Oh, você pensa dessa forma? Por quê?

N: Bem, eu não quero ofender você, mas penso que o Cristianismo é muito irracional; simplesmente não posso aceitá-lo.

V: Se você tiver algum tempo para conversar, podemos descobrir rapidamente o que você sabe sobre o Cristianismo. Mas por ora,

em que você crê? Como sabe o que é verdadeiro e o que é falso? Como você concebe a realidade? E depois de ter rejeitado o que considera irracional, você encontrou algo racional em que possa crer?

N: Sim, eu creio que a ciência é uma forma racional e confiável para descobrir informações verdadeiras acerca da realidade e, por esse motivo, creio na ciência.

V: Deixe-me ver se o entendi corretamente. Você disse estar disposto a crer apenas no que é racional, e a ciência é racional, enquanto o Cristianismo não; portanto, você crê na ciência.

N: Sim, é isso o que quero dizer.

V: Mas o que é racionalidade? E o que é ciência?

N: O que você quer dizer?

V: Você disse crer somente no que é racional, e que a ciência é racional. Para poder interagir com você, preciso entender o que quer dizer por racionalidade, por ciência, e porque considera a ciência racional.

N: Eu não pensei muito sobre isso antes, mas sua pergunta não é difícil de responder. Crença racional é a baseada em sólida evidência e na realidade, sobre fatos e verificação de fatos. A ciência é uma forma de interação com o mundo que leva essas coisas em conta. Por exemplo, a ciência emprega a experimentação para testar suas hipóteses.

V: Sua resposta já é mais cuidadosa do que a da maioria dos não-cristãos, mas ela ainda está longe de ser suficiente.

N: Como assim?

V: Ainda há muitas perguntas não respondidas. O que é evidência? O que é realidade? O que é fato? Você me diz que a ciência envolve experimentação, mas por que a experimentação é uma forma racional de descobrir a informação verdadeira sobre a realidade? Quando você diz crer na ciência e na experimentação, quer dizer que você usa o método científico para descobrir tudo o que pensa saber sobre a realidade? Ou, você crê no que os cientistas afirmam terem descoberto pelo uso do método científico? Em todo o caso, crê-se realmente na ciência, ou no testemunho dos cientistas?

N: Quantas perguntas!

V: Não faço essas perguntas simplesmente por fazê-las, nem estou tentando distraí-lo com perguntas irrelevantes, mas você alegou ser racional, e agora deve sustentar sua alegação com uma defesa racional de suas crenças. Mas eu não terminei ainda. Suponho que você concordaria que a racionalidade diz respeito à lógica e ao raciocínio válido, e ao dizer que o Cristianismo é irracional, implica que o Cristianismo é ilógico e que envolve um raciocínio inválido. Essa é uma forma correta de colocar as coisas?

N: Suponho que sim, mas onde você está querendo chegar?

V: Se você reivindica ser racional, então eu peço que seja *realmente* racional. Isto é, peço que você raciocine de maneira válida, seguindo as rígidas leis da lógica.

N: Eu não tenho problema com isso. Penso que é isso o que a ciência faz.

V: Bem, lembre-se de que você ainda não respondeu minhas perguntas anteriores, e aparentemente isso já é um problema. Pelo fato de você pensar que a ciência é tão racional, então, por favor, me dê *um* exemplo de uma conclusão racional alcançada pelo método científico em toda a história da ciência. Agora, antes de responder, observe que uma conclusão racional sobre a realidade seria uma proposição acerca da realidade necessariamente deduzida a partir de premissas verdadeiras. Isto é apenas lógica simples. Quais são as premissas verdadeiras em seu exemplo? Como você as descobriu? Como sabe que elas são verdadeiras? O processo envolve derivar algum conhecimento a partir da sensação? Caso a resposta seja afirmativa, por favor, explique para mim como o conhecimento pode vir *racionalmente* da sensação. Qualquer crença racional pode ser escrita como uma proposição; por essa razão, por favor, descreva todo o processo sobre como uma sensação racionalmente se torna uma proposição mental. Se a ciência é racional, e se sua crença na ciência é tão racional, certamente você poderá responder com facilidade.

(*Mais tarde na conversa...*)

N: Agora que continuamos a conversar sobre a natureza de Deus, eu tenho uma objeção relacionada ao assunto que nenhum cristão, pelo menos nenhum com o qual já conversei, parece ser capaz de responder de forma racional. Algumas vezes eles acrescentam um monte de palavras teológicas, e depois dizem que isso tudo é um mistério. Em vez de provar a veracidade do Cristianismo, o que eles dizem somente reforça minha crença de que essa religião é irracional. Será que você pode respondê-la?

V: Uau, essa parece ser uma pergunta difícil, mas deixe-me tentar.

N: Tudo bem. Se Deus é absolutamente soberano como o Cristianismo ensina, então isso faria dele o autor do pecado.

V: E daí?

N: E daí?! Você não percebe o problema? Sempre que eu digo isso a um cristão, ele faz “malabarismo” para negar essa afirmação, e então me dá algum tipo de explicação absurda que parece contradizer o discurso anterior sobre a natureza de Deus.

V: Bem, eu ficarei feliz em responder caso você me diga qual é o problema.

N: Estou surpreso pelo fato de você não percebê-lo. Se Deus é soberano, isso faz dele o autor do pecado; mas se Deus é o autor do pecado, isso contradiz o que a Bíblia ensina sobre ele.

V: Verdade? Como? Eu gostaria de lembrá-lo que ainda não afirmei nem neguei que Deus seja o autor do pecado. Até aqui, você nem mesmo enunciou o problema. Como você estabeleceu a premissa: “Deus não pode ser o autor do pecado”?

N: Se Deus é o autor do pecado, isso faria dele injusto!

V: Mas como? O que é justiça e injustiça? E a propósito, qual é o significado da palavra “autor”? E o significado de “pecado” em seu questionamento?

N: Eu nunca considerei todos esses detalhes antes.

V: Mas você precisa. Deixe-me dizer o que necessário para tornar sua afirmação numa objeção real e racional. Primeiro, você deve estabelecer a premissa de que o fato de Deus ser soberano faria dele o autor do pecado. Segundo, você deve estabelecer a premissa de que o fato de Deus ser o autor do pecado contradiria o ensino bíblico, ou o Cristianismo. Então, você deve estabelecer que essas duas premissas necessariamente produzam a conclusão de que o Cristianismo é falso. Observe que você deve fornecer um argumento válido para cada premissa a fim de estabelecê-las. Você deve também possuir definições coerentes e relevantes para todas as palavras e expressões envolvidas, tais como “Deus”, “soberano”, “autor” e “pecado”. Se você falhar em alguma parte de tudo isso, então logicamente não há objeção para ser respondida. Agora, se você jamais considerou essas perguntas necessárias, então nem de longe você é tão racional quanto pensa,

e parece ser um hipócrita ao dizer que o Cristianismo é irracional.¹⁰

(*Mais tarde na conversa...*)

Sam: Veja, Natã, isso é o que eu lhe disse desde o começo. É inútil argumentar com ele e deixar a lógica decidir o assunto.

V: Então você não crê na lógica?

S: Não, não creio na lógica.

V: Maravilha, então isso quer dizer que você crê na lógica.

S: O quê? Eu acabei de dizer que não creio.

V: O quê? Sua mãe é uma vaca? O que o faz dizer uma coisa dessa?

S: Eu não disse isso; minha mãe não é uma vaca.

V: O quê? Seu pai é um criminoso e sua irmã é uma prostituta? Ei, eu não preciso saber de tudo isso.

S: Pare de insultar minha família!

V: Eu não estou insultando sua família, é você quem está!

S: O que você disse não faz nenhum sentido!

V: O que eu digo precisa fazer sentido? A lógica afirma que A não pode ser não-A ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Visto que você não crê na lógica, então “eu não creio na lógica” pode facilmente significar “eu *creio* na lógica”, “minha mãe é uma vaca”, “meu pai é um criminoso” ou “minha irmã é uma prostituta”. Agora, você crê na lógica ou não? Se você crê na lógica, então você deve ser bem-sucedido no ponto em que o Natã falhou; se você não crê na lógica, então você crê na lógica – e sua mãe é uma vaca.

A objeção do incrédulo não pode ser logicamente entendida e então respondida, a menos que você conheça primeiro seu significado e raciocínio, mas quando pressionamos por definições e clarificações, a própria objeção é destruída. Isso acontece com toda objeção não-cristã, de forma que logicamente falando, o não-cristão realmente não pode nos perguntar nada, ou nos desafiar sobre nada. Ele pensa que é esperto, mas ele não pode nem mesmo formular uma pergunta ou objeção inteligível. Ele é o tolo, o idiota, e isso é o que a apologética mostra – que qualquer ateu é um palhaço completo.

¹⁰ Para considerações adicionais sobre a questão “autor do pecado”, veja Vincent Cheung, *Commentary on Ephesians*.

Certamente, isso não significa que nunca devemos defender a verdade e coerência de nossas próprias crenças. De fato, como discutiremos no próximo capítulo, deveríamos apresentar e defender nossas crenças da mesma forma como destruímos as crenças dos nossos oponentes. Assim, de fato não estamos tentando nos esquivar das perguntas e objeções; o problema é que nenhuma das perguntas e objeções dos não-cristãos faz algum sentido. Eles não entendem e apresentam racionalmente suas perguntas e objeções; pelo contrário, eles cegamente apontam e atiram, e se eles erram, eles atiram novamente, e novamente, e novamente. Eles podem frequentemente usar essa abordagem com segurança, pois os cristãos nunca fazem com que eles expliquem suas próprias crenças e a base racional para as suas próprias perguntas e objeções.

Portanto, além de defender a verdade e a coerência da nossa fé, devemos também expor o fato de que todo o pensamento deles é descuidado, tolo, irracional e injustificado. Por exemplo, com o problema do mal, certamente podemos e devemos dizer aos nossos oponentes sobre a relação de Deus com o mal, mas fazemos isso não porque a lógica da objeção deles demanda isso (visto que a objeção não faz nenhum sentido), mas porque Deus nos chamou para pregar o evangelho e ensinar todas as nações.

O incrédulo não sabe ou admite que tudo o que ele diz é tolo e irracional; pelo contrário, ele crê que ele é totalmente inteligente e racional. Você deve destruir essa auto-ilusão atacando tudo o que ele diz e crê. Para fazer isso, você deve aprender a ouvir cuidadosamente e então pensar silogisticamente, rastreando tantos problemas lógicos quanto você for mentalmente capaz. Então, lance um ataque total. Pergunte “Por quê?”; pergunte “E daí?”; pergunte “Como você sabe?”. Desafie cada definição; exija que cada premissa assumida seja explicitamente declarada e defendida; questione cada inferência com respeito à sua validade e necessidade lógica; exponha cada movimento irracional, cada salto na lógica.

Se a cosmovisão do incrédulo é verdadeiramente racional, então ele não deveria ter nenhum problema em nos responder; de fato, ele já deveria ter passado pela mesma análise racional qual adotou suas crenças atuais. Estamos convencidos que, assim como Deus tornou todo o pensamento não-cristão tolo e fútil, todo não-cristão cairá diante de uma pressão racional, pois a Razão de Deus está contra ele, e ele não tem nenhuma defesa contra os nossos ataques.

O apologista cristão tem armas divinas de Deus para derrotar qualquer não-cristão, mas para utilizá-las eficazmente e cumprir a sua missão, ele deve ser disposto, decisivo, preciso e meticuloso. Ao invés de considerar a apologética como somente defesa, como somente responder perguntas e fazer esclarecimentos, ele deve incansavelmente atacar todo pensamento não-cristão com a força sobrepujante da Lógica (*logos*, João 1:1).

3. ARRANJE O CONFRONTO

ATOS 17:22-31

Então Paulo levantou-se na reunião do Areópago e disse: “Atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos, pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Ora, o que vocês adoram, apesar de não conhecerem, eu lhes anuncio.

“O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor dos céus e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas. Ele não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós. ‘Pois nele vivemos, nos movemos e existimos’, como disseram alguns dos poetas de vocês: ‘Também somos descendência dele’.

*“Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é semelhante a uma escultura de ouro, prata ou pedra, feita pela arte e imaginação do homem. No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam. Pois estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio do homem que designou. E deu provas disso a todos, ressuscitando-o dentre os mortos”.*¹

A Escritura diz que Deus tornou a sabedoria humana tola e fútil; é “na sabedoria de Deus” que “o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana” (1 Coríntios 1:21). Em outras palavras, é o decreto e desígnio deliberado de Deus que a sabedoria humana nunca alcançará o conhecimento sobre a realidade última (Deus) e que ela nunca alcançará a salvação sobre sua própria base. Visto que tudo da realidade está inseparavelmente conectado e sustentado pela realidade última (Deus), e visto que todo homem perecerá no inferno sem a salvação através de Cristo, isso significa que toda cosmovisão, filosofia ou religião não-cristã nunca pode alcançar algum conhecimento verdadeiro sobre a realidade, nem pode produzir algum verdadeiro significado, propósito ou resultado na vida.

Assim, dizemos que Deus tornou toda a sabedoria humana tanto tola como fútil. E visto que todo não-cristão, pelo próprio fato de que ele é um não-cristão, abraça e confia na sabedoria humana em seu pensamento, isso significa que todo não-cristão é tolo e fútil. A menos que Deus o converta soberanamente, cada um deles é estúpido e imprestável. Como a Escritura diz: “Todos se desviaram, tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer” (Romanos 3:12).

¹ Para uma exposição detalhada dessa passagem e como ela se relaciona com a apologética bíblica, veja Vincent Cheung, *Presuppositional Confrontations*.

Todos cristãos concordam comigo sobre isso – isto é, concordam com a Escritura – em princípio, mas quando eu realmente digo isso, muitos deles me repudiam. Isso é porque eles estão embaraçados sobre Deus, e sobre o que ele explicitamente ensina na Escritura; ou eles não querem que eu repita o que ela ensina, ou eles querem que eu dilua tanto o ensino que ninguém saiba o que eu quero realmente dizer. Mas eu não me envergonho do que a Escritura ensina, e recuso me acomodar às pessoas fracas que reivindicam ser cristãs.

Portanto, eu repetirei, todos os não-cristãos são estúpidos, pecaminosos e sem valor, como a Escritura ensina. Mesmo como cristãos, toda nossa sabedoria, santidade e valor vem de Deus, e não de nós mesmos, de forma que sem ele, não somos nada e não podemos fazer nada (João 15:5). Eu enfatizo isso não simplesmente para insultar os não-cristãos, e não simplesmente porque me faz feliz dizer isso; antes, estou tentando lhe falar sobre a realidade da situação, uma realidade que carrega implicações importantes para a apologética. Nós já discutimos uma dessas implicações anteriormente, a saber, que porque a sabedoria humana é tola e fútil, enquanto dependermos da sabedoria divina em nossa apologética, sempre venceremos em qualquer debate contra qualquer incrédulo.

Outra implicação importante é que, visto que a sabedoria humana é tola e fútil – visto que ela é absurda e estéril – ao fazer apologética, não devemos começar e então construir sobre a sabedoria humana na tentativa de produzir conhecimento sobre a realidade ou fruto intelectual. Portanto, o apologista bíblico não tenta meramente redirecionar a sabedoria humana para uma conclusão que concorra com a sabedoria divina; antes, ele arranja um confronto total entre a sabedoria humana e sabedoria divina, e como um resultado, ele esmaga toda sabedoria humana pela sabedoria divina, e também vindica a sabedoria divina no processo.

Falando de modo geral, essa é a essência do meu método: eu derrubo o orgulho humano e exalto a sabedoria divina, eu esmago a especulação humana pela revelação divina. Não, eu não estou dizendo que coloco os dois pontos de vistas opostos diante de cada pessoa e deixo que elas escolham a mais “atrativa”. Não estou advogando uma apologética comparativa, mas uma apologética confrontacional.

Embora a apologética comparativa tenha o seu propósito, somente a apologética confrontacional pode verdadeiramente vindicar a fé e esmagar o oponente no debate. Uma razão para isso é que mostrar que duas cosmovisões são diferentes não mostra automaticamente que uma delas é verdadeira e a outra é falsa. Outra razão é que os réprobos sempre serão atraídos à cosmovisão não-bíblica de qualquer forma (1 Coríntios 1:18, 22-23), por causa da estupidez e pensamento pecaminoso deles.

Pelo contrário, o que estou dizendo é que a cosmovisão bíblica consiste de uma série de doutrinas reveladas que fornecem (1) uma filosofia positiva e abrangente que é verdadeira e coerente (e, portanto, logicamente defensível), e (2) uma forma de pensamento que esmaga racionalmente nossos oponentes. O caminho para vitória, então, é aplicar habilidosamente a cosmovisão bíblica aos desafios e oportunidades intelectuais que se levantam durante o debate.

O método é confrontar a sabedoria humana com a sabedoria divina, e visto que até mesmo a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria do homem, eu nunca perderei

no debate, mas sempre obterei uma vitória total e decisiva. Se você aprender como arranjar, manter e continuar um confronto entre a sabedoria humana e a sabedoria divina, então você também pode ter essa certeza de vitória. Assim, nesse capítulo, discutiremos alguns princípios e orientações de como arranjar tal confronto.

A abordagem bíblica para a apologética é confrontar a sabedoria humana com a sabedoria divina, e esmagar a sabedoria humana e vindicar a sabedoria divina. Você faz isso arranjando um confronto entre a cosmovisão bíblica e a cosmovisão não-bíblica. Isso, conseqüentemente, significa que durante o seu debate ou discussão com um incrédulo, você deve apresentar pelo menos todos os elementos principais da cosmovisão bíblica, e você deve interagir com todos os elementos principais da cosmovisão não-bíblica esposada pelo seu oponente.

Se você for bem sucedido em fazer isso, várias coisas acontecerão. Você deixará claro que as duas cosmovisões contradizem uma a outra em cada ponto principal. Se os primeiros princípios de duas cosmovisões se opõem um ao outro, então tudo o que é deduzido a partir desses princípios opostos necessariamente se oporão um ao outro também. Visto que você sabe que os primeiros princípios da sua cosmovisão se opõem aos primeiros princípios da cosmovisão do seu oponente,² isso significa que você também logicamente discordará com o seu oponente em cada questão menor. Mesmo que você pareça concordar com seu oponente em algo, é uma concordância puramente superficial, e uma concordância que será destruída sempre que um discutir o que ele verdadeiramente quer dizer e as razões para a sua posição.

Visto que as duas cosmovisões se opõem uma a outra em cada ponto, segue-se que cada cosmovisão deve então permanecer de pé sobre os seus próprios méritos e recursos intelectuais. Em outras palavras, cada cosmovisão pode conter somente princípios e proposições que são validamente deduzidas a partir de um primeiro princípio auto-autenticado; ela não pode tomar emprestado princípios e proposições disponíveis em outras cosmovisões que não são dedutíveis a partir de seu próprio primeiro princípio.

Por exemplo, se um princípio não-bíblico não pode racionalmente permanecer de pé por si próprio, e então por dedução válida produzir um princípio ético contra o assassinato, então essa cosmovisão (e seus aderentes) não pode afirmar racionalmente um princípio ético contra o assassinato. Melhor ainda, se um princípio não-bíblico não pode permanecer de pé racionalmente por si próprio, e então por dedução válida produzir uma teoria de conhecimento, então essa cosmovisão não-bíblica (e seus aderentes) não pode reivindicar racionalmente saber *algo* de forma alguma. E se um aderente dessa cosmovisão não-bíblica não pode racionalmente reivindicar algo de forma alguma, então segue-se necessariamente que ele não pode ter nenhuma base ou recurso intelectual pelo qual questionar ou atacar o Cristianismo.

Certamente, a implicação é que para ser capaz de racionalmente questionar ou atacar algo, alguém já deve ter uma cosmovisão verdadeira e coerente. Se a pessoa não pode defender sua própria cosmovisão ao mesmo tempo que está atacando outra, então todas suas perguntas e objeções serão apenas tagarelices sem sentido de um lunático.

² Se os primeiros princípios de sua cosmovisão e da cosmovisão do seu oponente de fato concordam, então isso significa que você na verdade é um não-cristão como o seu oponente, ou que seu oponente é na verdade um cristão como você, e que todo o debate é na verdade um grande mal-entendido.

Seu oponente não-cristão é precisamente isso, e isso é uma das coisas que você deveria mostrar ao realizar apologética bíblica.

Por outro lado, isso também significa que você não deve se apropriar de princípios, proposições e pressuposições não-bíblicas ao construir sua própria cosmovisão e formular seus próprios argumentos. Racionalmente, não há nenhuma necessidade de fazer isso de forma alguma, visto que os princípios bíblicos são suficientes para sustentar uma cosmovisão verdadeira, abrangente e coerente. De fato, visto que a cosmovisão bíblica é a única visão verdadeira da realidade, misturá-la com uma cosmovisão não-bíblica somente gerará confusão e enfraquecerá seus argumentos.

Por exemplo, você introduzirá inconsistências desnecessárias na sua cosmovisão apenas se sustentar em algum grau ou algum tipo de empirismo. Da mesma forma, visto que o Arminianismo é anti-bíblico, afirmar algum grau de alguma forma de Arminianismo (incluindo o livre-arbítrio humano) somente gerará problemas insolúveis em sua cosmovisão (isto é, em todos os pontos onde o Arminianismo contradiz a Escritura), os quais seu oponente poderá então descobrir e atacar. Então pareceria para aqueles que não têm um conhecimento melhor da Escritura que ele encontrou inconsistências na cosmovisão bíblica, quando você não está sustentando uma cosmovisão verdadeiramente bíblica de forma alguma. Ao invés de compartilhar essas crenças anti-bíblicas, você deveria estar atacando-as pela apologética bíblica.

Em todo caso, mostrando que as duas cosmovisões contradizem uma a outra em cada ponto, você também mostrará que elas não podem coexistir. Visto que a cosmovisão bíblica e a cosmovisão anti-bíblica contradizem uma a outra, isso também significa que elas não podem ser ambas verdadeiras, mas onde uma é verdadeira, a outra deve ser falsa. Isso, conseqüentemente, significa que quando você está defendendo a cosmovisão cristã, você está ao mesmo tempo atacando a cosmovisão não-cristã, e quando você está atacando a cosmovisão não-cristã, você está defendendo a cosmovisão cristã.³

Esse discernimento é importante não somente para *vencer* o debate, mas para *iniciar e manter* o debate, isto é, para provocar o conflito intelectual (lembre-se, *queremos* que as cosmovisões se confrontem). Para dar um exemplo simples, alguém poderia dizer para você: “Eu creio que todas as religiões são boas, e que todas elas são verdadeiras, mas elas apenas descrevem as coisas a partir de perspectivas diferentes”. Superficialmente, essa declaração parece afirmar que o Cristianismo também é bom e verdadeiro; contudo, visto que o Cristianismo afirma que ele é a *única* cosmovisão boa e verdadeira, a declaração dessa pessoa contradiz o Cristianismo e é, portanto, na verdade um ataque contra o Cristianismo. Por outro lado, à medida que você então apresenta e defende a exclusividade do Cristianismo, você está logicamente também atacando a declaração dessa pessoa, que é uma parte da cosmovisão dela.

Portanto, a partir dessa declaração aparentemente inocente e até mesmo lisonjeira (embora ela não se apresente dessa forma para mim), o apologista bíblico pode incendiar o confronto entre sua cosmovisão bíblica e a cosmovisão não-bíblica do seu

³ Nós podemos ver a situação dessa forma porque já sabemos que a cosmovisão bíblica é verdadeira, e esse fato está fixado em nossas mentes quando discutimos apologética. De outra forma, duas cosmovisões que se contradizem podem estar ambas falsas (como quando cosmovisões não-bíblicas confrontam uma com a outra), e quando usando nosso método, elas serão ambas destruídas.

oponente. O mesmo se aplica a uma situação onde o não-cristão, sem abandonar suas crenças, diz: “Você *também* está certo”. Mas o cristão nunca pode ficar satisfeito com algo menos do que a admissão do oponente: “Eu estou errado, e você está certo – o Cristianismo é verdadeiro, e todas as cosmovisões não-cristãs são falsas”. Dizer que o Cristianismo *também* está certo é o equivalente lógico de dizer que o Cristianismo está errado, visto que o próprio Cristianismo reivindica estar *exclusivamente* certo.

Novamente, apresentando a cosmovisão bíblica inteira durante o curso do debate, e interagindo com a cosmovisão não-bíblica do seu oponente, você logicamente forçará cada cosmovisão a permanecer de pé por si só, expondo todas as suas forças, fraquezas, dependências, e relações internas e externas. Você então não somente mostrará que o não-cristão está errado numa reivindicação muito específica sobre um assunto muito limitado (de forma que o restante da sua cosmovisão ainda permanece intacta), mas você mostrará que ele está fundamentalmente e abrangentemente errado sobre *tudo*, e que você está fundamentalmente e abrangentemente certo sobre *tudo* (na medida em que suas crenças corresponderem aos ensinamentos bíblicos).

Você vindicará o Cristianismo como uma cosmovisão, como um sistema completo de crença, somente se você apresentar e defendê-la como uma cosmovisão, e você demolirá a cosmovisão do seu oponente somente se você atacá-la como uma cosmovisão. Quanto mais abrangente for o confronto, mais decisiva será sua vitória, e mais completa sua destruição.

No debate formal, uma parte significativa do confronto seria meticulosamente planejada. Isso é porque embora ainda haja algumas interações improvisadas e surpresas ocasionais, permanece que o formato permite e demanda muita preparação prévia, e que certas porções da apresentação de cada lado sejam totalmente fixadas. Cada pessoa recebe uma quantia fixa de tempo para apresentar seus argumentos e refutações sem interrupção. Só isso já torna um debate formal muito diferente de um debate informal.

Por exemplo, num debate formal, você não pode desafiar imediatamente uma falsa premissa que seu oponente usa em seu argumento, mas você deve esperar a seu vez; enquanto isso, o oponente tem a permissão de transformar essa falsa premissa em seu argumento ou apresentação completa. Se esse argumento ou apresentação completa soar convincente para a audiência (mesmo que ilegítimamente), então isso poderá gerar um efeito psicológico na audiência a favor do seu oponente. Após isso, até mesmo uma refutação direta daquela fala premissa poderá não sobrepujar totalmente essa disposição favorável para com o seu oponente, mesmo que refutar a falsa premissa faça o caso do seu oponente desintegrar-se logicamente.⁴ Certamente, para não dizer pior, isso reconhece o fato de que os membros da audiência frequentemente não são racionais.

Em adição, visto que os debates formais são pré-arranjados, visto que cada lado sabe quem será seu oponente, e visto que cada lado sabe precisamente o que será debatido, não somente cada lado possui tempo amplo para preparar seu próprio caso positivo

⁴ Uma forma de neutralizar esse efeito é mencionar diretamente o que seu oponente está fazendo, e apontar que ele tem falhado em compor um argumento válido, de forma que qualquer pessoa racional não deve aceitá-lo.

antecipadamente, mas ele pode também tentar pesquisar as crenças e argumentos do seu oponente em detalhe, e preparar sua refutação antecipadamente.

Por outro lado, o debate informal – um debate que não tem regras estritamente estabelecidas, limitações de tempo, moderadores, juízes, etc., como duas pessoas debatendo religião numa conversação pessoal no jantar – é mais flexível, menos estruturado, e assim frequentemente um pouco caótico. Embora alguns aspectos dele possam ainda ser planejados e antecipados, muitos aspectos de um debate informal são menos previsíveis do que um debate formal. Por exemplo, embora você ainda possa preparar uma breve apresentação da sua cosmovisão para ser usada sempre que um debate informal acontecer, ou para ser usada para um debate informal que você esperar ocorrer, não há nenhuma garantia de que você terá a permissão de fornecer sua apresentação completa sem interrupção por parte do seu oponente, ou mesmo de um dos espectadores. De fato, num ambiente informal, um ou mais dos espectadores interessados pode terminar se tornando um participante ativo, em cujo caso você poderá ter que engajar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Esse problema não existe no debate formal.

Usando o mesmo exemplo citado do debate formal, observamos outra diferença quando o oponente expressa uma premissa falsa no curso de tentar estabelecer seu caso. Visto que as conversações pessoais frequentemente consistem de réplicas relativamente breves de cada lado, ao invés de discursos estendidos, é possível imediatamente desafiar seu oponente quando ele tentar usar uma premissa falsa ou não justificada. Por exemplo, ao ouvir uma premissa questionável, é possível responder imediatamente: “Sim, eu quero ouvir seu argumento inteiro, mas antes de você continuar, como você sabe que o que você acabou de dizer é verdade? Ela parece ser uma premissa crucial para o seu argumento, mas eu discordo dela, e se ela for falsa, então sua conclusão não pode ser verdadeira, de forma que, por favor, me forneça alguma justificção racional para essa premissa”.

De fato, logicamente falando, num debate informal você pode impedir seu oponente de fazer qualquer progresso, a menos que ele estabeleça racionalmente as premissas necessárias para o argumento dele. Alternativamente, você pode também registrar sua discordância das falsas premissas dele e ainda permitir que ele termine a apresentação. Socialmente falando, isso pode ser uma questão de cortesia. Estrategicamente falando, isso produzirá um alvo maior para você atacar – quanto mais ele falar, mais evidência você reunirá para documentar a tolice e o pensamento irracional dele. Você pode matar o argumento no começo, ou deixar que ele exiba mais de sua tolice, de forma que você possa explodir a coisa toda. O ponto é que se você pode logicamente (e assim legitimamente) pará-lo em qualquer lugar, isso significa que você tem uma escolha de pará-lo ou não em qualquer ponto particular, por qualquer razão social ou estratégica.

Certamente, seu oponente poderia também desafiar uma ou mais das suas premissas enquanto você apresenta sua cosmovisão. Esse movimento do seu oponente poderá pelo menos temporariamente redirecionar a conversação, visto que você pode ter que primeiro defender a premissa que acabou de expressar (mas lembre-se o que dissemos no capítulo anterior, que visto que toda declaração do seu oponente é tola e irracional, você pode também tomar cada pergunta ou objeção como um trampolim para um ataque completo), e então retornar para terminar seu argumento mais tarde, a menos

que você consiga conduzir a conversação redirecionada para chegar à sua conclusão por outro caminho lógico.

Em adição, num debate informal, embora seja frequentemente possível preparar uma refutação geral das crenças do seu oponente, é frequentemente impossível preparar uma refutação precisa de antemão. Isso é porque cada crença exata do incrédulo é única. O fato de que todos os não-cristãos são tolos e irracionais faz de suas crenças muito mais arbitrárias, e o fato de muitas delas não terem um credo público ou formal faz delas muito mais diversas. Certamente, mesmo aqueles com tais credos não aderem necessariamente a eles. Esse problema é especialmente considerável se o oponente é um estranho completo que afirma crenças altamente específicas e peculiares, ou se ele mesmo não é claro sobre o que ele crê, como é frequentemente o caso. Num debate formal, é frequentemente possível preparar uma refutação relativamente precisa de antemão, especialmente se você tem acesso aos escritos publicados do oponente, ou se ele tem endossado os escritos publicados de outros.

O ponto é que alguns dos princípios e práticas valiosas para se sair bem num tipo de debate não pode ser aplicado a outro tipo, visto que os dois formatos são muito diferentes. Portanto, alguém que sabe como arranjar o confronto num debate formal pode não saber como fazê-lo num debate informal, e vice-versa. Em todo caso, a apologética bíblica é facilmente adaptada tanto ao debate formal como informal; isto é, a abordagem bíblica para a apologética capacita o crente a resolver plenamente as dificuldades que cada formato apresenta, e explorar plenamente as oportunidades que cada formato oferece. Embora haja muito mais para se dizer sobre o debate formal, visto que a maioria das pessoas nunca engajará nele, e visto que ele não é nosso assunto declarado de forma alguma, eu o menciono somente para contrastá-lo com o debate informal, o qual iremos discutir adicionalmente agora.

Quer num debate formal ou informal, lembre-se que você deve arranjar para que as cosmovisões inteiras se confrontem, e não apenas idéias muito específicas e limitadas dentro dessas cosmovisões. No debate formal, o tempo é distribuído para você usar como lhe agrada, de forma que, mesmo que não haja tempo suficiente para tratar exaustivamente com cada cosmovisão, é pelo menos possível salientar brevemente muitas das idéias principais. Em contraste, o que acontece num debate informal não é completamente controlado por nenhuma parte, e você não recebe tempo ininterrupto para ser usado como lhe agrada; portanto, você tem que encontrar alguma outra forma de assegurar um confronto abrangente das cosmovisões. Isso não é dizer que os debates formais são melhores ao tratar com cosmovisões inteiras do que os debates informais, visto que muitos debates informais são melhores porque eles frequentemente duram muito mais do que debates formais. Por exemplo, dois amigos podem discutir e debater assuntos religiosos no café da manhã, no almoço e no jantar por muitas horas durante uma questão de semanas.

Para fazer cosmovisões inteiras se confrontarem em debates informais, você deve entender e explorar a natureza das cosmovisões. Uma cosmovisão é um sistema de pensamento explícita e implicitamente consistindo de todas as proposições que seus aderentes afirmam. Cada proposição, não importa se menor ou específica, é logicamente precedida pelas proposições fundacionais do sistema. E visto que são as proposições fundacionais que logicamente produzem todas as proposições

subsidiárias dentro do sistema, isso, conseqüentemente, significa que cada proposição está logicamente relacionada com cada outra proposição no sistema.

Para usar uma analogia, embora eu não tenha gerado o meu irmão e meu irmão não tenha me gerado, nós estamos, todavia, relacionados, pois compartilhamos os mesmos pais. Todo filho tem pais, e visto que os pais são também os pais de todos aqueles a quem eles geraram, todo filho também está relacionado com todo outro filho de seus pais; isto é, todo filho está relacionado com seus pais, e com todos os seus irmãos através dos seus pais. De uma forma similar, toda proposição dentro de cada cosmovisão está logicamente relacionada com as proposições fundacionais da cosmovisão, e com toda outra proposição dentro da cosmovisão, através das proposições fundacionais da cosmovisão.

Agora, se uma proposição subsidiária requer logicamente uma determinada proposição fundacional, mas essa proposição fundacional é inconsistente com outra proposição subsidiária dentro do sistema de crença de uma pessoa, então você acabou de descobrir uma proposição bastarda, ou uma inconsistência na cosmovisão dele. Você então tem que legitimamente raciocinar para desafiar a racionalidade dele, ou começar uma reação em cadeia lógica que destruirá a justificação racional para toda proposição na cosmovisão dele.

Mas estamos levemente adiantando o nosso assunto. Por ora, a ênfase é que toda proposição está logicamente relacionada a cada outra proposição numa cosmovisão. Isso tem ramificações tremendas para o debate informal. Significa que, não importa de qual proposição dentro de uma cosmovisão o debate comece, é sempre logicamente possível terminar cobrindo todas as outras áreas dentro dessa cosmovisão. E visto que toda área principal de uma cosmovisão tem sua contraparte em toda outra cosmovisão,⁵ tem pouca importância lógica se o debate começa a partir de uma proposição em sua cosmovisão ou na cosmovisão do seu oponente. Se o debate começa, então ambas as partes logicamente comprometeram suas cosmovisões inteiras ao conflito, e não apenas a proposição que o iniciou.

Embora eu pense que seja filosoficamente mais conveniente começar a partir de proposições fundacionais dentro de uma cosmovisão, a maioria dos debates informais começará a partir de uma discordância sobre uma proposição específica subsidiária dentro da cosmovisão de um dos participantes. Por exemplo, o debate pode começar por causa de uma discordância sobre o que um dos participantes diz sobre a pena de morte. Debate sobre esse assunto logicamente envolve discussão sobre mal, justiça e misericórdia. Isso logicamente envolve uma discussão mais ampla sobre ética, a qual, por sua vez, necessita de discussões sobre epistemologia e metafísica. Uma vez que o debate chegou a esse nível fundacional,⁶ é fácil e natural levar a discussão para outras áreas como história, ciência, religião, educação – e cada outra área em cada cosmovisão.

Para fazer tudo isso, contudo, o apologista bíblico deve perceber a conexão lógica entre as proposições, e então lógica, natural e claramente dirigir o debate, de forma

⁵ Por exemplo, toda cosmovisão tem uma visão específica sobre metafísica e epistemologia.

⁶ Embora aqui eu tenha descrito vários passos antes de chegar às proposições fundacionais, a relação de cada proposição subsidiária dentro de uma cosmovisão é de fato tal que, se você escolher, você pode sempre imediatamente dirigir a conversação para o nível fundacional.

que ele cubra cada aspecto principal de cada cosmovisão. Essa agenda *não* é algo que devemos ocultar dos nossos oponentes, visto que ela de forma alguma é uma fraude – quanto mais abrangentemente uma cosmovisão verdadeira e coerente for apresentada, mais verdadeira e coerente ela parecerá. Confiante em sua própria racionalidade, o incrédulo deve não ter nenhum problema com uma análise abrangente de uma cosmovisão. Da mesma forma, quanto mais investigarmos completamente uma cosmovisão falsa, tola, inconsistente e irracional, mais absurda e impossível ela parecerá. Em adição, não estamos de forma alguma tentando ignorar ou evitar o próprio assunto que iniciou o debate – a menos que o debate comece a partir das próprias proposições mais fundacionais, o que quer que tenha o iniciado deve ser discutido à luz de proposições e raciocínios anteriores àquelas pressuposições.

Em outras palavras, você está tentando mostrar ao seu oponente o desenho da sua cosmovisão, sua estrutura noética e desafiá-lo a destruir seu edifício intelectual; e você está tentando obter o desenho da cosmovisão dele, de forma que você possa estratégica e completamente demolir todos os conteúdos e padrões do pensamento dele, até mesmo os próprios princípios fundacionais das crenças dele. Certamente, isso é apenas uma analogia, e não significa que você tem que completar uma fase desse projeto antes de iniciar a outra. É especialmente verdade que num debate informal, você provavelmente realizará ambas as tarefas ao mesmo tempo.

Porque uma parte essencial desse procedimento envolve apresentar sua própria cosmovisão e aceitar um ataque sobre ela, é imperativo que você possua um conhecimento exato, preciso e abrangente da cosmovisão bíblica. Você deve entender o que a Escritura ensina com respeito a cada assunto teológico e filosófico principal.⁷ Você deve perceber todas as relações lógicas entre essas doutrinas bíblicas. Você deve saber como apresentar precisamente esses ensinamentos, e como defendê-los racionalmente. Você deve entender o porquê a cosmovisão bíblica pode resistir às mesmíssimas perguntas e desafios que destruiria qualquer cosmovisão não-bíblica.

Visto que meu método é o método bíblico, eu reivindico ousadamente que ele é invencível, mas eu nunca disse que você pode ser preguiçoso. A abordagem consiste de um corpo de conhecimento e uma forma de pensamento, de forma que você deve absorver a fundo esse corpo de conhecimento e adotar completamente essa forma de pensamento. Portanto, a coisa mais importante que você pode fazer para se tornar um melhor apologista é dominar a teologia sistemática, pois por ela você percebe e entende o todo da Escritura como um sistema coerente de pensamento.

Novamente, não podemos separar severamente o debate informal numa fase de defesa e uma de ataque. Esse é o caso não somente porque os debates informais não são tão rigidamente organizados como os debates formais, mas como mencionado antes, à medida que você continua para mostrar como a cosmovisão bíblica contradiz a cosmovisão não-bíblica em tudo, torna-se óbvio que se você estiver certo, então seu oponente está errado. Portanto, toda defesa da sua cosmovisão torna-se um ataque da cosmovisão do seu oponente, e todo ataque sobre a cosmovisão do seu oponente torna-se uma defesa da sua cosmovisão. Em adição, temos dito que *tudo* que o não-cristão diz é absurdo, e isso significa que *toda* declaração que ele expressa para atacar sua cosmovisão é em si mesma sujeita a ataque.

⁷ Veja Vincent Cheung, *Systematic Theology, Ultimate Questions, e Presuppositional Confrontations*.

Algumas vezes as pessoas me perguntam o que elas deveriam fazer se o oponente tentar usar o mesmo método contra a cosmovisão bíblica que usamos contra a cosmovisão não-bíblica. A questão implica um mal-entendimento básico da apologetica bíblica. Não é o método como tal, mas é o conteúdo da nossa cosmovisão que nos dá a vitória no debate. Vencer pelo método ou habilidade somente seria sofisma intelectual. Nosso método é apenas uma forma de arranjar o confronto, expor as diferenças, e tornar óbvio a realidade da situação, ou seja, que a cosmovisão bíblica é verdadeira, e que a cosmovisão não-bíblica é falsa. Portanto, não temos nada para temer dos incrédulos. De fato, queremos que eles imitem nosso método de argumentação racional rígida e de análise silogística. Isso facilitará o processo de apresentar completamente os conteúdos de cada cosmovisão, e assim a vindicação da cosmovisão bíblica, e a destruição da cosmovisão não-bíblica.

Além de conhecer sua própria cosmovisão bíblica, você deve conhecer também a cosmovisão do seu oponente, e isso também requer alguma habilidade e esforço. Não é tão fácil como simplesmente dizer: “Por favor, resuma para mim todas as áreas principais da sua cosmovisão, e as relações lógicas entre elas”. Não, *você* deve ser capaz de responder a essa inquirição, mas a maioria dos incrédulos não pode, visto que a maioria deles nunca considerou cuidadosamente e formulou verbalmente as crenças deles. Portanto, você deve usualmente entender sozinho a cosmovisão do seu oponente. Você deve fazer perguntas, inferências, tomar nota, traçar gráficos, ouvir, rephrasear, clarificar e confirmar.

Você pode pensar que se o oponente afirma uma cosmovisão que está associada com um credo público ou se ele afirma uma cosmovisão popular, então tudo o que você precisa é de um conhecimento prévio desse credo ou cosmovisão. Por exemplo, se seu oponente é um muçulmano, então parece que você só precisa saber como refutar o Alcorão. Algumas vezes isso é verdade, mas frequentemente não é tão simples. Isso é assim porque alguém que reivindica ser um muçulmano nem sempre crê no Alcorão, ou ele pode crer somente em partes dele. Podemos nos perguntar se essa pessoa pode reivindicar verdadeiramente ser um muçulmano, mas permanece o fato de que ainda temos que descobrir e tratar as crenças pessoais dele.

Você faz isso começando do assunto ou proposição que produziu o debate, e então a partir dali reconstruir a cosmovisão do oponente fazendo perguntas, considerando premissas e suposições anteriores, e as relações entre as várias proposições. Você deve logicamente se arrastar por todo o sistema de crença dele usando as associações e relações lógicas entre suas várias crenças, afirmações e argumentos. Você deve eventualmente cobrir todas as perguntas que cada cosmovisão deve responder, especialmente nas áreas de metafísica e epistemologia.

Quer você esteja confrontando um oponente que afirma uma cosmovisão que já lhe é familiar ou um que afirma uma cosmovisão que você nunca estudou ou encontrou antes, o procedimento básico de mapear o sistema de crença inteiro dele é o mesmo. Sua capacidade de pensar silogisticamente – de reconstruir cada argumento num silogismo, e de colocar cada proposição aparentemente isolada dentro de um contexto de um silogismo – será tão valiosa aqui, quando você busca entender o seu oponente, como quando você deseja atacá-lo.

Visto que cada declaração que o não-cristão diz é absurda, em qualquer ponto durante a conversação, você tem a opção e a capacidade de destruir o orgulho humano e exaltar a sabedoria divina, de demolir a especulação humana com a revelação divina. Em geral, você deveria estar fazendo isso em cada ponto do debate, mas às vezes você pode desejar esperar várias chances para ter um entendimento mais amplo e profundo do que seu oponente está dizendo, antes de atropelar o argumento que ele apresenta nessa parte da conversação. Essa é uma preocupação estratégica, e sua abordagem exata depende tanto da situação como da sua capacidade.

Você deve usar a técnica de “demolição” sempre que ela for necessária, ou sempre que você considerar prudente fazê-lo. Lembre-se que a “demolição” é útil não somente quando você deseja atacar seu oponente, mas ela pode também atacar o ataque que vem do seu oponente, e assim logicamente parar o ataque. De fato, ela te capacita a estrategicamente congelar o debate em qualquer ponto ou em qualquer assunto enquanto lhe agrada ou você considerar prudente. Se seu desafio “demolidor” é logicamente sólido e coerentemente formulado, então certamente ele é um movimento legítimo na argumentação. Além de dominar a teologia sistemática, o apologista iniciante deve dominar sua capacidade de “demolição”.

Seria melhor se você tivesse pelo menos algumas horas para engajar seu oponente, mas se não, você ainda pode fazer muito dentro de uma meia hora. Contudo, algumas vezes você tem somente alguns minutos para falar com alguém sobre a fé cristã, como quando o assunto surge enquanto você conversa com um estranho no aeroporto durante o trânsito. Em tais casos, você deve tomar o tempo que você tem para realizar a “demolição” várias vezes. Isso desafia o próprio pensamento da pessoa, sacode o orgulho e segurança intelectual dela, e a coloca numa posição onde ela deve encontrar uma justificação real para suas crenças não-bíblicas (o que afirmamos ser impossível), ou abraçar outra cosmovisão não-bíblica (em cujo caso ela ainda careceria de justificação racional para as suas crenças), ou abandonar as cosmovisões não-bíblicas completamente para abraçar o Cristianismo.

Então, você deve resumir para ele a cosmovisão bíblica, cobrindo todos os aspectos principais da teologia sistemática, tais como Escritura, Deus, Cristo, homem, salvação, julgamento, e assim por diante. Isso fornece para a pessoa os conteúdos intelectuais que ela deve agora abraçar se Deus escolher convertê-la. Após a conversação terminar, você deve orar para que a vontade de Deus seja feita na vida dela, de forma que se a pessoa for de fato um dos eleitos de Deus, o Espírito de Deus trabalhará em seus pensamentos e tornará eficaz o que você disse. Certamente, mesmo que ela seja um dos eleitos de Deus, Deus pode não escolher convertê-la nesse momento; antes, Deus pode tornar suas palavras eficazes no coração dela num tempo posterior, ou usar instrumentos adicionais para trabalhar na mente dela antes de finalmente convertê-la.

Seja qual for o caso, você terá feito o seu dever se tiver desafiado ousadamente o orgulho humano do seu oponente e claramente apresentado a sabedoria divina da Escritura. Se você tiver feito essas duas coisas, então você pregou o evangelho para essa pessoa, e o evangelho ou será a fragrância de vida ou o cheiro de morte para ela (2 Coríntios 2:16), dependendo se Deus a escolheu ou não para a salvação na eternidade.

Quando diz respeito à apologética, muitos cristãos estão interessados em aprender técnicas rígidas e memorizar respostas preparadas. Assim, eles tentam resumir meu método numa lista de passos, e frequentemente pergunta: “O que eu digo se eles disserem isso? E o que eu digo se eles disseram aquilo? Mas então, o que acontece se eles disserem *isso*?”. Embora memorizar técnicas e fórmulas tenham algum uso e efeito limitado, elas dão ao crente um falso senso de segurança. Então, o que frequentemente acontece é que, porque o crente carece de entendimento, ele engasga e se esfarela diante de um oponente que faz uma pergunta ou afirmação que ele nunca considerou, ou que apresenta uma objeção que ele de fato já encontrou antes, mas dessa vez declarada com palavras diferentes.

Por outro lado, o apologista bíblico encontra segurança na superioridade da sabedoria divina, não em técnicas rígidas e fórmulas memorizadas. Ele entende o ensino bíblico e o raciocínio sólido, e, portanto, pode adaptá-los a qualquer oponente intelectual e a qualquer situação de debate. Sua confiança, seu senso de segurança, não está baseada em resposta de segunda mão, mas sobre a Rocha, o *logos* divino, a Sabedoria e Razão de Deus. Assim, ele é invencível no debate, pois ele tem a mente de Cristo.

4. ANUNCIE O RESULTADO

JOÃO 8:43-47

“Por que a minha linguagem não é clara para vocês? Porque são incapazes de ouvir o que eu digo. Vocês pertencem ao pai de vocês, o Diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira. No entanto, vocês não crêem em mim, porque lhes digo a verdade! Qual de vocês pode me acusar de algum pecado? Se estou falando a verdade, porque vocês não crêem em mim? Aquele que pertence a Deus ouve o que Deus diz. Vocês não o ouvem porque não pertencem a Deus”.

Os cristãos que afirmam fielmente a cosmovisão bíblica e que habilidosamente aplicam os princípios da apologética bíblica sempre derrotarão os não-cristãos no debate. Parece que essa deveria ser a conclusão do assunto, e que há pouco mais para discutir, mas outro problema frequentemente aparece, a saber, os incrédulos frequentemente não sabem ou não admitem que perderam o debate.

Isso frequentemente embaraça os apologistas bíblicos, incluindo aqueles que já ganharam alguma proficiência em derrotar os incrédulos na argumentação. Após engajar com sucesso um oponente e derrotá-lo completamente, parece que o debate alcançou uma conclusão definitiva em favor da cosmovisão bíblica, e que o incrédulo não pode produzir nenhuma objeção adicional, mas *ainda* ele recusa admitir a derrota.

Algumas vezes a falha do incrédulo em captar o que aconteceu não resulta num recusa explícita de admitir a derrota, mas isso pode ser expresso de outras formas. Por exemplo, algumas vezes o incrédulo sugerirá que “comecemos de novo” o debate, e algumas vezes ele recuará e transformará a cosmovisão dele numa outra forma que agora lhe parece mais defensível, e se você então derrotar essa nova forma, ele a transformará novamente.

Outro incrédulo sugerirá que todos “concordam para discordar”, e, todavia, outro pode tentar confortar a si mesmo e obscurecer sua derrota dizendo que vocês dois de fato concordam em suas crenças, e que o debate foi apenas um mal-entendido. Então, algumas vezes um incrédulo apenas negará explicitamente que ele perdeu, ou contrário a todas as indicações, ele pode até mesmo reivindicar que ganhou o debate. Certamente, qual tática ele usa frequentemente depende de qual tipo de cosmovisão ele afirma. Por exemplo, é improvável que um ateuista afirmará que o debate dele com você foi apenas um mero mal-entendido; por outro lado, um católico ou algum outro herege poderia sugerir isso.

Há várias razões pela qual um incrédulo pode reagir dessa forma a uma derrota. Primeiro, a maioria deles nunca espera realmente que você ganhe, de forma que não importa quão perfeitamente você tenha o derrotado, ele não interpretará isso como uma derrota. Simplesmente não lhe ocorre que ele perdeu, visto que para ele é impossível você ganhar, embora ele esteja errado em pensar isso. Segundo, alguns daqueles que concedem que seja possível você ganhar o debate abrigam essa

possibilidade somente com relação a como você ganharia, usando as suposições irracionais e não-bíblicas *deles*. Em outras palavras, mesmo que seja possível para você provar suas conclusões como certas e as dele como erradas, no pensamento dele você pode e deve fazer isso somente raciocinando mais corretamente do que ele a partir das suposições mais básicas *dele*. Ele nunca espera que você desafie aquelas próprias suposições e as destrua pela análise lógica; portanto, ele fica confuso e até mesmo irado quando você faz isso, e frequentemente ele falhará em perceber ou aceitar o que acabou de acontecer.

A terceira razão é realmente uma explicação ampla que poderia incluir as duas primeiras; isto é, consistente com o que temos dito sobre o pensamento do incrédulo, ele é tão tolo e irracional que ele poderia não seguir o progresso de um debate racional. O não-cristão é como uma besta estúpida, de forma que ele frequentemente falhará em perceber a força racional dos seus argumentos e o rigor lógico das suas refutações. Seja qual for o caso, o que frustra e irrita o apologista bíblico é quando o incrédulo parece completamente distraído para o fato de que ele tem sido exposto como um imbecil total pelo que ocorreu durante a conversação.

Mas isso é o melhor que alguém pode fazer? Esse é o limite da apologética bíblica? Muitos que tentam aplicar a apologética bíblica frequentemente pensam que eles não podem ir mais além desse ponto. O incrédulo já foi derrotado, mas ele não sabe isso e recusa admiti-lo. Contudo, parar nesse ponto é falhar em aplicar completa e consistentemente os princípios da apologética bíblica. Há algo mais que você pode fazer, ou para ser mais preciso, você ainda pode fazer mais da mesma coisa.

Agora, estamos assumindo que embora o incrédulo não saiba o que aconteceu durante o debate e qual é o resultado do debate, você sabe o que aconteceu. Isto é, embora ele falhe em seguir o progresso lógico dos argumentos, refutações e conclusões do debate, você tem estado completamente consciente dessas coisas, e pode retrazá-los e resumi-los. Assumindo que você está intelectualmente ciente do que aconteceu, e você deve estar, então o que você pode fazer quando o incrédulo está intelectualmente distraído é simplesmente declarar o que é tão óbvio para você – visto que o incrédulo não sabe o que aconteceu durante o debate e qual é o resultado do debate, você deve simplesmente *lhe dizer*.

Eu mencionei num capítulo anterior que um crente que está tentando aprender meu método de apologética frequentemente atuará muito bem até que o oponente levante uma questão ou uma objeção que, por alguma razão, faz com que o crente pare de aplicar os princípios que tem lhe servido tão bem até esse ponto. Isto é, ele subitamente pensa que o método não se aplica a *essa* questão ou objeção, quando o que ele deveria fazer é aplicar o método *novamente*. Ele estaria atacando o incrédulo repetidamente, até que o incrédulo mencione algo que ele subitamente pensa não poder ser atacado, quando o que ele deveria fazer era atacar *novamente*.

Você deve aplicar constante e consistentemente a apologética bíblica para deixar que ela produza o que é suposta realizar. Não há nada de errado com o método, que é realmente uma aplicação dos ensinamentos bíblicos e do raciocínio sólido. Contudo, você não deve ficar “branco” em nenhum ponto, mas deve manter a pressão sobre o oponente continuando a aplicar os ensinamentos bíblicos e o raciocínio sólido no seu debate.

Consequentemente, o fato do incrédulo estar distraído para a derrota dele não tem que ser um problema para *você*. É problema *dele*, de forma que deixemos que ele o conheça. Estabeleça *esse* outro ponto de discordância entre você e o seu oponente. Mantenha a pressão; continue o ataque. Se você o derrotou no debate pela sabedoria divina, então sua própria ignorância ou negação da derrota é outra “pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus” (2 Coríntios 10:5). Você pode atacá-la assim como você tem estado atacando qualquer outra parte do sistema de crença dele.

Assumindo que você tem claramente derrotado seu oponente, em geral você pode tratar com sua recusa em admitir a derrota simplesmente como qualquer outra pergunta ou objeção que ele expresse, mas há várias coisas específicas que você pode fazer para tratar com essa parte do conflito.

Primeiro, você deve explicitamente reivindicar a vitória. Não importa qual tática escapatória ele use, você deve diretamente se opor a ela e contradizê-la. Isso serve para manter o confronto, fazendo necessário para o seu oponente justificar racionalmente a falsa conclusão na qual ele chegou sobre o assunto. Por exemplo, se ele diz, “Vamos apenas concordar para discordar”, ao invés de pensar que esse é o máximo onde você pode fazer o debate chegar, você pode responder: “Não, eu não concordo para discordar. De fato, eu nunca concordarei até que você muda suas crenças e concorde comigo. Eu concordar com você, ou concordar para discordar, seria comprometer a própria cosmovisão que eu tenho afirmado e defendido”.

Segundo, você deve resumir para o incrédulo o que tem acontecido logicamente durante o curso do debate. Lembre-o de como o debate começou, de como você defendeu com sucesso a sua cosmovisão contra os ataques dele, e como ele fracassou em defender a cosmovisão dele contra seus ataques, e de como em ambos você finalmente chegou ao ponto presente no diálogo. Explique-lhe a base *racional* do porquê você ganhou o debate, e lembre-o que o veredicto é decidido sobre a base da racionalidade, não dos sentimentos e expectativas dele.

Se o incrédulo tem se orgulhado de sua própria racionalidade e superioridade intelectual, lembre-o de que, e mostre-o que de acordo com uma análise lógica e resumo do debate, você o derrotou inquestionavelmente. Se ele ainda nega a derrota ou até mesmo reivindicar a vitória, então demande que ele ofereça uma análise do debate, resumindo cada passo e cada argumento do diálogo com lógica dedutiva rígida. Em outras palavras, assim como você o derrotou forçando a lógica durante todo o debate, mesmo agora você pode compeli-lo a admitir a derrota reforçando a lógica novamente.

Se o incrédulo quiser “começar de novo”, reivindicando que você de alguma forma o confundiu em algum ponto, então você pode apontar que se ele é tão racional como ele reivindica, então isso não poderia ter acontecido. Por que ele precisa começar de novo se ele é tão intelectualmente superior? Se ele deseja transformar a cosmovisão dele, você deveria frequentemente deixar que ele o faça, mas você deve também primeiro falar sobre o que está acontecendo, e explicitamente mostrar para ele e para qualquer pessoa que estiver ouvindo que ele está recuando e mudando as suas visões. Isso se torna evidência contra a alegada racionalidade e superioridade intelectual dele. Ele é estúpido, e este é o porquê ele não sabe o que ele deveria crer. Eu digo que você

deveria deixar que ele transforme (se houver tempo), porque a menos que ele a transforme na própria cosmovisão bíblica (em cujo caso não haverá mais necessidade de debater com ele), você será capaz de derrotar seja o que for no que ele a transforme, e toda a mudança dele se tornará evidência adicional que demonstra a incompetência intelectual dele. Mas você precisa seguir as mudanças dele, e então em voz alta apontá-las.¹

Terceiro, embora você possa encontrar o mesmo oponente novamente numa futura conversação, a menos que o que aconteça nesse ponto puxe vocês dois de volta para o centro do debate, você já terá realmente alcançado a conclusão dessa sessão de debate. Mesmo que você já tenha feito isso, e especialmente se você tiver feito o suficiente durante o debate, esse é o momento para fazer uma apresentação pessoal do evangelho.

Você deve lhe contar a implicação da sua derrota. Ele entrou no debate pensando que era mais racional do que você e intelectualmente superior a você. Mas durante o curso da conversação, você destruiu completamente a alegada racionalidade de toda crença não-bíblica dele; e mais, você vindicou com sucesso a racionalidade da cosmovisão bíblica, e lhe declarou que o próprio raciocínio humano válido é padronizado segundo a Lógica e Razão de Deus, o *logos* de João 1:1. Somente Cristo pode salvar a alma e a racionalidade dele, e se ele não se converter, ele permanecerá tolo durante a porção restante da vida insignificante dele, a qual terminará então em futilidade e horror extremo quando Deus o lançar no sofrimento sem fim no inferno.

Você não deve dar a impressão que, ao derrotá-lo no debate, você destruiu um sistema de pensamento que é externo e aparte dele. Você não deve deixar que ele pense que mesmo que a cosmovisão dele tenha sido destruída, ele de alguma forma permanece incólume. Muitos cristãos têm feito um grande desserviço por separar, de uma maneira anti-bíblica, os pecados dos pecadores e as heresias dos heréticos. Não, eles são pecadores porque *eles* pecam, e eles são heréticos porque *eles* crêem e ensinam heresias.

Consequentemente, você nunca deve dizer algo absurdo como: “Você sabe, Pedro, eu não penso que você seja uma pessoa estúpida. De fato, penso que você é muito inteligente, mas tenho que dizer que você apenas crê em algumas coisas estúpidas”. Isso é uma vergonha! Não, eles crêem naquelas coisas estúpidas porque *eles* são estúpidos, e esse é o porquê *eles* precisam mudar. Eles cometem atos pecaminosos porque *eles* são pecaminosos, e esse é o porquê *eles* precisam se arrepender. É assim que você aplica o evangelho como algo que *eles* precisam: Você lhes diz que, aparte de Cristo, *eles* são estúpidos, pecaminosos e sem valor, mas aqueles a quem Deus salva por Cristo é dada sabedoria, justiça, santidade e redenção (1 Coríntios 1:29).

Eu não sou tão ingênuo para sugerir que se você claramente apresentar a base racional para a sua reivindicação de vitória, então seu oponente certamente colapsará e

¹ Se um oponente está especialmente propenso a recuar e transformar, então pode ser uma boa idéia escrever num papel algumas das suas premissas e argumentos principais durante o debate. Ou, em certos pontos cruciais durante o debate, você pode reafirmar suas afirmações e argumentos para ele e deixar que eles as confirme e se comprometa a elas. Após isso, qualquer recuo e transformação se tornará mais óbvio, e será mais fácil apontá-los para o seu oponente e para outros que estão ouvindo o debate.

admitirá a derrota. O coração dele pode estar tão endurecido contra a verdade e a razão que ele desafiará qualquer conclusão racional que não favoreça suas crenças, mas ainda é importante para você declarar e explicar sua vitória simplesmente para tornar sua apresentação completa. Isso é especialmente importante se houver outras pessoas ouvindo o seu debate, visto que como seu oponente, muitas pessoas não podem apropriadamente seguir um discurso racional, e elas podem também precisar da sua ajuda para perceber que você ganhou. Certamente não estou dizendo para você manipular o pensamento delas meramente afirmando sua vitória, visto que estou dizendo que você deve também resumir o debate e explicar para eles o porquê você ganhou, retrçando os passos lógicos pelos quais o debate alcançou essa conclusão ao seu favor.

CONCLUSÃO

Isso conclui nosso breve curso sobre apologética na conversação. Eu tenho compartilhado com você alguns dos meus princípios para a vitória. Alguns de vocês perceberam o poder deles e começarão a aplicá-los para a glória de Deus, enquanto outros sem dúvida ficarão horrorizados pelo que parece para eles uma abordagem dura e cruel. Mas consistente com a forma que tenho falado, direi isso para você: Embora eu me importe com todos que afirmam o que é bíblico, sua aprovação não significa nada para mim.

Em adição, a menos que você possa bíblicamente defender sua objeção à minha abordagem, sua objeção é em si mesma uma “pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus”, e a qual a apologética bíblica refutará e destruirá. Enquanto o que eu tiver escrito for bíblico, sua discordância significa desafio contra Deus. Você pode achar minha abordagem ofensiva, mas eu acho muito mais ofensivo que você se oponha à própria avaliação da Escritura da condição do incrédulo e como devemos abordá-lo – que todo o pensamento dele é tolo e fútil, e que devemos lhe falar sobre isso.

Muitos anos atrás, J. Gresham Machen escreveu:

Os pregadores modernos estão tentando trazer homens para a igreja sem requerer que abdicuem do seu orgulho; estão tentando ajudar os homens a evitarem a convicção do pecado. O pregador sobe ao púlpito, abre a Bíblia, e dirige-se à congregação mais ou menos como se segue: “Vocês são muito bons,” ele diz; “vocês respondem a cada apelo na direção do bem estar da comunidade. Ora, temos na Bíblia — especialmente na vida de Jesus — algo tão bom que cremos ser bom o suficiente até mesmo para vocês, boas pessoas”. Esta é a pregação moderna. Ela é ouvida todos os domingos em milhares de púlpitos.²

Da mesma forma, os apologistas modernos dizem: “Vocês são muito racionais; vocês respondem a cada argumento sólido e seguem a evidência para onde quer que ela leve. Suas realizações na ciência, literatura, e todos os tipos de disciplinas intelectuais são brilhantes e impressionantes. Ora, temos na Bíblia algo tão racional que cremos ser racional o suficiente até mesmo para vocês, pessoas racionais”. Tal é a apologética moderna. Mas como Machen continua para escrever no contexto da pregação, “isso é inteiramente fútil”.³

Assim como os pregadores que ele descreveu não são pregadores do evangelho, os apologistas que descrevi não são apologistas bíblicos. Antes, a pregação do evangelho

² J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1923; reprint 2001), p. 68.

³ Ibid.

verdadeira e a apologética bíblica real diz, quer ou não nessas palavras: “Vocês não-cristãos são estúpidos, pecaminosos, sem esperança e sem valor; você são improdutivos, inúteis e ingratos. Vocês devem se arrepender e crer no evangelho, e depender de Cristo para vos salvar; de outra forma, Deus vos condenará ao sofrimento sem fim no inferno”.

Há várias razões pelas quais muitas pessoas são ofendidas e repelidas por tal mensagem.

Primeiro, algumas vezes ela é simplesmente baseada num mal-entendimento. Eu nunca disse que você deve ser constantemente duro e contencioso quando pregar o evangelho e defender a fé. Eu mesmo não sou. Eu nunca disse que deveríamos repetir para o incrédulo: “Você é estúpido, você é ignorante, você é sem valor”. Contudo, o *pensamento* deve ser claramente transmitido; de outra forma, você fracassará em comunicar ao incrédulo tudo o que a Bíblia diz sobre ele. Em todo caso, minha ênfase principal é sobre a hostilidade espiritual e intelectual, e esse tipo de hostilidade não implica uma constante hostilidade social externa. Contudo, contrário a muitas pessoas, eu insisto que há um lugar para esse último tipo de hostilidade, como demonstrado e ordenado por Cristo, os profetas, e os apóstolos, e por aqueles que respeitaram eles, até mesmo os Reformadores.

Segundo, até mesmo alguns crentes professos são ofendidos e repelidos porque essas pessoas são realmente incrédulas, e assim, certamente, o evangelho produz tal reação nelas. Como Pedro escreve: “Portanto, para vocês, os que crêem, esta pedra é preciosa; mas para os que não crêem, ‘a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular’, e, ‘pedra de tropeço e rocha que faz cair’. Os que não crêem tropeçam, porque desobedecem à mensagem; para o que também foram destinados” (1 Pedro 2:7-8).

Terceiro, até mesmo alguns crentes genuínos são ofendidos e repelidos por essa mensagem, especialmente quando ela é claramente expressa e formulada, pois eles têm sido “doutrinados” pelo modo de pensamento dos incrédulos. Eles estão tão acostumados e adaptados ao padrão não-cristão de discurso social apropriado (parte do qual consiste de concessão, sutileza e discricção) que quando os ensinamentos bíblicos são ousadamente declarados em palavras claras, eles são ofendidos e repelidos. Em outras palavras, enquanto você falar tão ambigualmente que não muitos possam entender você e serem ofendidos, eles não se importam em você dizer a verdade. Mas essa forma de pensamento é precisamente uma daquelas coisas que se levanta contra o conhecimento de Cristo, e assim, precisamente uma daquelas coisas que devemos demolir para a glória de Cristo.

Há muito mais que eu *poderia* dizer sobre apologética, mas para te ensinar como vindicar a cosmovisão bíblica e derrotar todo incrédulo na argumentação, não há mais nada que eu *deva* dizer: “Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem” (1 Coríntios 1:25). Em nosso conflito intelectual com os incrédulos, não é preciso muito para ser invencível – a questão é se seremos fiéis ou não em ressoar a mente de Cristo e proclamar a sabedoria de Deus.